

Superação

A marca do Ser Humano!

Expedição

Remar é preciso!

Viver é diversidade!

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da editora.

Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra, com o  
qual não necessariamente concorda. Os Autores conhecem os fatos  
narrados, pelos quais são responsáveis, assim como se  
responsabilizam pelos juízos emitidos.



Moacir Jorge Rauber

Superação

A marca do Ser Humano!

Expedição

Remar é preciso!

Viver é diversidade!

Editora Mundo Hispânico

2013

Copyright © 2013 do autor

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Capa  
Leonardo Alves de Azevedo  
Poesias  
Antônio Schuster  
Imagens  
Rastro Selvagem  
Projeto gráfico e revisão linguística  
Moacir Jorge Rauber



APOIO:



ISBN: 978-85-99061-05-3  
Editora Mundo Hispânico  
Rua Pedro dos Santos Ramos, 795  
85903-265 Toledo-PR, Brasil  
Fone: 45 3277-1888  
Página: [www.hispanotur.com.br](http://www.hispanotur.com.br)

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. NÃO EXISTEM PERUS NA LAGOA... A VÉSPERA: FATOS</b>	<b>11</b>
<b>2. NÃO EXISTEM PERUS NA LAGOA... A VÉSPERA: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>15</b>
<b>3. VIVER É DIVERSIDADE! POESIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4. CISNES, SOMBRA E TRABALHO: FATOS .....</b>	<b>19</b>
<b>5. CISNES, SOMBRA E TRABALHO: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>44</b>
<b>6. CISNES, SOMBRA E TRABALHO: PLANEJAMENTO E FLEXIBILIDADE .....</b>	<b>50</b>
<b>7. PATOS E BANHO: FATOS.....</b>	<b>58</b>
<b>8. PATOS E BANHO: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>67</b>
<b>9. UM DIA DE FOLGA: FATOS.....</b>	<b>71</b>
<b>10. UM DIA DE FOLGA: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>75</b>
<b>11. PATOS E BANHO: RESILIÊNCIA.....</b>	<b>80</b>
<b>12. DE BOA NA LAGOA! FATOS.....</b>	<b>87</b>
<b>13. DE BOA NA LAGOA! POESIA E FOTOS .....</b>	<b>94</b>
<b>14. DE BOA NA LAGOA! FLUXO - PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE SEM COMPETIÇÃO .....</b>	<b>100</b>

<b>15. BANHO DE CHUVA! FATOS.....</b>	<b>107</b>
<b>16. BANHO DE CHUVA! POESIA E FOTOS .....</b>	<b>117</b>
<b>17. BANHO DE CHUVA! EXCELÊNCIA E METAS.....</b>	<b>121</b>
<b>18. AS DIFICULDADES EDUCAM: FATOS .....</b>	<b>123</b>
<b>19. AS DIFICULDADES EDUCAM: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>130</b>
<b>20. AS DIFICULDADES EDUCAM: EXCELÊNCIA É UM PROCESSO CONTÍNUO .....</b>	<b>136</b>
<b>21. O SEXTO E PROVÁVEL ÚLTIMO DIA: FATOS.....</b>	<b>141</b>
<b>22. O SEXTO E PROVÁVEL ÚLTIMO DIA: POESIA E FOTOS .....</b>	<b>150</b>
<b>23. O SEXTO E PROVÁVEL ÚLTIMO DIA: UMA VIDA COM PROPÓSITO.....</b>	<b>155</b>
<b>24. REMAR É PRECISO... ..</b>	<b>160</b>
<b>25. UM PEQUENO RELATO.....</b>	<b>163</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>	<b>167</b>



## Introdução

O processo de transformar uma simples ideia, um devaneio ou um sonho em algo palpável é interessante. Exige esforço, dedicação e trabalho em equipe. Qualidades e cuidados que sempre estiveram presentes na concepção, no planejamento, no desenvolvimento e na execução da **Expedição Remar é Preciso! Viver é Diversidade!**

Assim, em janeiro de 2013 nós percorremos 220km remando pela Costa Leste da Lagoa dos Patos e pudemos identificar algumas competências e habilidades nos integrantes da expedição. Descobrimos o entusiasmo de menino no menino e nos adultos. Encontramos a liderança nos adultos e também no menino. Deparamo-nos com a criatividade no jovem e também em quem já não o é. E assim fomos observando outras habilidades e competências como a resiliência, a iniciativa, a flexibilidade e a clareza

de objetivos obtida ao se manter o foco nas metas. E a Superação estava presente em todas elas.

Entendemos que três elementos foram indispensáveis: a **(1) Autonomia** para fazer o que deve ser feito porque se quer fazê-lo; a **(2) Excelência** para fazer melhor aquilo que se faz ao somar as experiências; e o **(3) Propósito** de atrelar os nossos desejos a uma causa maior do que nós mesmos. Percorrer o trajeto na totalidade já não era mais uma obrigação, porque o propósito pode ser alcançado até antes de se finalizar o programado. Com isso, o que se fez foi feito em estado de fluxo, porque se evoluiu em pouco tempo de grupo para equipe e depois para um time, sempre buscando resultados individuais e coletivos.

Por isso, nós parafraseamos o General Pompeu, eternizado pelo poeta português Fernando Pessoa: *Remar é Preciso! Viver é Diversidade!* - para dizer que a precisão requerida no exercício da remada esteve em harmonia com a aceitação da diversidade como fonte e estímulo de superação para cada um dentro da equipe.

Foi assim que identificamos que A SUPERAÇÃO É A MARCA DO SER HUMANO!

Registrar a expedição em **Poesia, Fatos e Fotos** foi um consequência natural. Ela foi concebida, planejada e





executada com o objetivo de que fosse segura e prazerosa. Nós estávamos fazendo aquilo que queríamos com as pessoas por nós escolhidas no momento e no local pretendido. Da experiência realizada resultou o prazer, a aventura, o lazer, o entretenimento e o entendimento de que nós tínhamos tudo em nossas mãos, assim como na verdade o temos o tempo todo. Nós é que não o percebemos em determinadas circunstâncias.

A poesia surgiu da inspiração do Antonio Schuster que registrou o dia a dia da expedição com a maestria de seu talento e da sua sensibilidade. A poesia que é uma preciosidade resultado dos desafios enfrentados e também da intensa alegria.

Os fatos foram relatados por meio do olhar de Moacir Rauber que fez uma descrição sucinta e encadeada daquilo que foi vivenciado durante os dias da expedição. Os eventos descritos são fontes para a construção de paralelos riquíssimos com as circunstâncias vividas pelos indivíduos em sua individualidade e também no convívio social e organizacional.

As fotos são o elemento que perpetua em imagens uma experiência registrada na memória dos seus integrantes. A grande maioria delas foi registrada pela equipe **Rastro Selvagem** que nos acompanhou por terra. Foi especial! É inexplicável! Porém, pretende-se assim transmitir um pouco daquilo que viram e viveram os integrantes da Expedição Remar é Preciso! Viver é Diversidade!



# 1

Não existem perus na lagoa... a véspera:

## Fatos

Eram 7h10min e o caminhão contratado para levar os barcos ao ponto de partida ainda não havia chegado. Ele estava atrasado. O Oguener ligou. *Estamos chegando...*, foi a resposta. Mais alguns minutinhos e vimos um caminhão utilitário Mercedes 608 aproximando-se a toda velocidade. *Bom, pelo menos não está tão atrasado assim...* pensei eu com os meus botões. Tentava controlar minha ansiedade com relação a pontualidade, uma das minhas manias. A kombi com a equipe de terra também já estava ali.

O pessoal começou a carregar os barcos. Ajeita daqui. Amarra dali. Empurra pra lá. Depois de quarenta minutos os barcos estavam prontos para o transporte.

Aproveitamos a carroceria do caminhão para enviar quase todas as caixas de mantimentos, barracas e outras tralhas típicas de um acampamento. Não seria um acampamento. Era uma expedição em que seriam necessários montar e desmontar no mínimo sete vezes o acampamento.

Estava começando uma jornada concebida e planejada durante os últimos oito meses. Estávamos partindo para o desafio de remar 220km pela Costa Leste da Lagoa dos Patos numa região praticamente desabitada. Sabíamos da existência de muita vegetação de pinus, de pastagens, de plantações de arroz e de cebola, mas também de regiões em que a vegetação era nativa. Imaginávamos muitas curvas e águas claras. Pensávamos que teríamos a oportunidade de desfrutar de passeios e remadas incríveis por mares nunca antes navegados. Pelo menos não por nós...

O caminhão saiu na hora prevista levando o Wagner e o Antônio da equipe de água. Provavelmente eles conseguiriam pegar a balsa das 11h em Rio Grande para ir em direção ao nosso ponto de partida na prainha de Caieiras em Mostardas-RS. A kombi também saiu no horário programado levando consigo o restante da equipe de água,



o Oguener e eu, e de terra, o Vicente Pai, o Vicente Filho, o Gustavo e o Amauri.

Fizemos a viagem na maior tranquilidade. Quando nos aproximávamos da prainha de Caieiras nos encontramos com o caminhão que levava os barcos. O motorista somente nos saudou com um sinal de luz e um buzinaço, mas tocou direto para São José do Norte para ainda tentar pegar a última balsa para Rio Grande. Pisava fundo...

*Os barcos já estão lá...*, pensei. Quando chegamos com a kombi na praia vimos a lagoa com a sua beleza. Espelhada, calma, lisa, tranquila... Vimos os barcos sobre um gramado próximo da água. E vimos o Antônio e o Wagner sentados em meio a um amontoado de cangalhada que seria o acampamento.

Isso era por volta das 17h30min. Exatamente como o planejado. Rapidamente todos começaram a organizar o material individual e coletivo. Comidas, água, farmácia, lampião e fogareiro para um lado. Colchonetes, cobertores, mochilas e barracas para o outro. Em poucos instantes aquele amontoado de tralhas havia desaparecido e se

formara uma pequena comunidade. Eram cinco barracas e uma kombi as margens da lagoa.

A noite chegava. As estrelas nos saudavam. A lagoa resplandecia ante nossos olhos. Estávamos no ponto escolhido seis meses antes para o início da expedição. Ansiedade. Inquietação. Desassossego. Vontade de começar logo para conhecer as belezas que nos esperavam. Praias, vegetação nativa, pássaros e peixes em seu *habitat* natural. *Calma!* pensava, *Não morra na véspera... São os perus que fazem isso e eles não existem na Lagoa dos Patos... Durma bem que amanhã tá logo ali...* O Vicente Pai tratou de fazer uma janta. Saiu um Carreteiro com salsichão. Comemos muito bem. Proseamos outro tanto. Estávamos nos conhecendo.

Os integrantes da equipe de água se conheciam entre si há um bom tempo, assim como os integrantes da equipe de terra também. Mas muitos dos integrantes das duas equipes era a primeira vez que se viam. Terra e água. Ainda separados. Será que daria liga?

Fomos dormir cedo, porque a manhã seguinte prometia.

## Não existem perus na lagoa... a véspera: poesia e fotos

Antes de partir,  
como de praxe,  
tivemos que nos despedir.



Sequer havíamos começado a remar, mas os sentimentos  
brotavam sem parar...

Veja a preciosidade de poesia,  
escrita pelo Antonio,  
daquilo que nos movia  
ainda antes da travessia!

**Moacir**



Ela está ali, serena,  
majestosa...

Nos leva a pensar no que  
faremos, juntos...

Ali nos espera, graciosa...

Há tempos planejamos,  
simulamos, treinamos.

Agora ao alcance do seu cheiro,  
do seu encanto,  
aqui estamos....  
Olhos atraídos por seus horizontes,  
imensos...  
Sentidos aguçados por sua  
sedução... tensos...



Lagoa dos Patos,  
Lagoa dos cisnes  
Lagoa dos homens,  
dos ventos, do Sol...

Lagoa do sul!  
Será que ela sabia  
que iríamos abordá-la?

Haveria preparado algo especial  
para nós?



Por ora, a luz do lampião  
e da lua  
clareiam a conversa animada,  
enquanto cheiros e sabores  
entre risos acalmam nossos  
corpos...  
porque nosso ser,  
nosso espírito,  
estes estão tremendo,  
na ânsia do alvorecer!  
Olho a noite:  
a beleza da lua embriaga,  
miles de estrelas  
hipnotizam,  
mas aquelas nuvens avisam:  
Logo vem o Nordeste!  
Vamos dormir com a certeza  
do encontro marcado com ela,  
Lagoa dos Patos, costa leste,  
simplesmente bela...



Antonio Schuster

## Viver é Diversidade! Poesia

Viver é poesia  
Remar é preciso  
Mas lembre-se...  
Remar também é poesia  
Viver não é preciso  
Viver é diversidade  
Viver é magia,  
Mas lembre-se...  
Para cada facilidade  
Encontra-se uma dificuldade  
É a diversidade  
É a magia  
É a vida vivida como poesia!



Moacir Rauber



## Cisnes, sombra e trabalho: Fatos

O despertador tocou. Eram 5h da manhã do dia 03 de janeiro de 2013. Vi o Wagner ainda dormindo. Acordei-o. Arrumamos nossas coisas no interior da barraca. Subi para a minha cadeira de rodas. As demais barracas também já tinham as luzes acesas. Dali a pouco o Oguener saiu de sua barraca e nos saudamos com um "*bom dia*" entusiasmado, mas também com uma certa dose de anisedade. Também pudera. Estava para começar uma aventura pensada há muito tempo. Depois apareceu o Antônio e em seguida vi os integrantes da equipe de terra. Todos estavam ansiosos. Um misto de alegria e inquietação. Terminamos de arrumar as barracas. Por obrigação tomamos café. A comida não descia direito. Depois passamos a conferir os equipamentos e os materiais

que iriam nos barcos. Kit de ferramentas. Água. Suprimentos para o dia e para um dia extra, caso não conseguíssemos chegar ao ponto planejado de encontro com a equipe de terra. O Oguener, o Antônio e o Wagner começaram a carregar os barcos para a água. Seriam dois canoes e uma canoa canadense. Nos canoes individuais o Wagner e eu. Na canoa para dois o Oguener e o Antônio.

Enquanto eles se movimentavam para lá e para cá eu ficava a beira observando. Naquele momento não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar, porque apesar de estar usando uma cadeira de rodas *off-road* eu não conseguia carregar nada naquele terreno. De repente nos entreolhamos. Os barcos na água... Lá estávamos nós de frente para a Lagoa dos Patos e os 220km de água que nos separavam do nosso destino, a cidade de Pelotas-RS. Um sorriso meio pálido que refletia uma alegria contida, mas também a ansiedade de começar de uma vez por todas, além de indagações não reveladas. Teríamos nós condições físicas e psicológicas para cumprir com o desafio estipulado oito meses atrás? Alcançaríamos a meta de remar quarenta quilômetros diários? Conseguiríamos manter a coesão na equipe necessária para superar os desafios que nos esperavam na lagoa? Como seria remar em águas abertas



com barcos projetados para remar em águas protegidas? Como seria ver o sol nascer e se por na lagoa? Concluiríamos a jornada?

Eram inquietações e ansiedades como essas que brotavam em nossas mentes antes de começarmos a remar naquela manhã de verão. Particularmente me indagava se seria eu capaz de acompanhar o ritmo dos meus amigos transportando uma cadeira de rodas, usuário dela que sou? Meus braços e minhas mãos aguentariam, uma vez que todo o esforço físico neles se concentrariam? Eram incógnitas...

Incógnitas minhas, mas que provavelmente estava no íntimo de cada um dos integrantes da expedição. A nossa equipe tinha o DNA da diversidade em sua formação e isso pode ser constatado na diferença de idades, de profissões e de aspirações individuais. Veja a composição da equipe de água:

Wagner Rauber, remador, estudante, 17 anos. Vive a mais de 3000km da casa dos pais para aproveitar a oportunidade de estudar numa instituição reconhecida na área de Técnico em Mecânica.

Oguener Tissot, 30 anos, pratica o remo desde os 12 anos. Capacitado pela Confederação Brasileira de Remo – CBR como Formador Técnico de Remo e como Classificador e Técnico de Remo Adaptável pela Federação Internacional de Remo - FISA. Mantém a Academia de Remo Tissot na sede do Clube Centro Português 1 de Dezembro.

Antonio Schuster, 59 anos, Técnico em Mecânica Industrial aposentado pelo IF-SUL e gerente de processos industriais na Freedom. É praticante de remo há mais de 20 anos e gosta de remar guigue, canoa e caiaque.

Moacir Rauber, 46 anos, Palestrante Organizacional, Mestre em Engenharia de Produção e em Gestão de Pessoas, Atleta de Remo Adaptável tendo disputado os campeonatos mundiais de 2004, 2006 e 2007. É usuário de cadeira de rodas desde os 20 anos, vítima de um acidente automobilístico.

Eram estas as principais características dos integrantes. Diversidade presente. Objetivos individuais alinhados com a busca da equipe. Era isso!

A lagoa se apresentava linda, maravilhosa no nosso primeiro nascer do sol da aventura que teria pelo menos mais seis dias pela frente. As águas estavam calmas num



convite explícito para a prática do remo. Saudamo-nos, desejando-nos boa sorte mal sabendo de tudo que nos aguardava. Ajudaram-me a entrar no meu barco. Fixei-me como é devido. Remos, forquetas, flutuadores, colete e todos os equipamentos verificados. Uma garrafa de água. Dei a primeira remada. Seria uma a menos para chegar ao destino. A contagem regressiva começara...

Manobrei o barco, já que a proa estava apontada para o lado contrário. Olhei para trás na direção para onde iríamos. O canoe é um barco escola do remo olímpico. Com ele sempre remamos de costa para o destino. Nós olhamos por onde já passamos. Por isso, normalmente olhamos para trás, sobre a nossa proa, e fixamos o ponto para onde queremos ir. Depois voltamos a nossa posição normal e alinhamos com um ponto em nossa popa que servirá de orientação para que a remada continue sendo dada na direção que se quer ir. A paisagem que nos aguarda vai surgindo aos poucos, conforme a nossa visão periférica vai avançando sobre a margem. Primeiro tem-se a impressão de se ter visto. Em seguida aquilo sobre o qual se tinha a impressão está no centro do nosso campo de visão. Daí

então, pode-se aproveitar para apreciar o que se vê, para depois ir perdendo-a na linha do horizonte. Às vezes, pode-se imaginar que se está olhando para a sua própria vida, as estradas já percorridas. Um filme... Tem-se uma perspectiva diferente daquela que tem quem rema uma canoa canadense, por exemplo. Neste caso, olha-se para onde se está indo. Para frente, para o que está por vir. E quando nós começamos o planejamento da expedição essa ideia esteve presente como um item de segurança. Nós estaríamos remando por águas desconhecidas e, portanto, seria importante que tivéssemos um campo de visão amplo. O dois remadores dos barcos canoes teriam a visão de onde se está vindo, por isso iriam na frente. A canoa canadense com dois remadores viria logo em seguida, podendo ver para onde estávamos indo. Assim, a nossa equipe teria a visão sobre todo o ambiente, minimizando as probabilidades de sermos surpreendidos por uma pedra, um tronco, uma embarcação, uma tempestade ou um imprevisto qualquer.

Eu estava com meu barco alinhado. Os demais ainda estavam carregando alguns itens nos outros barcos, além de algumas últimas verificações. Comecei a remar devagarinho, porque a ansiedade me dominava. Vi que o Oguener saiu da canoa e voltou para o acampamento. O





Wagner também desembarcou. O Antônio ficou mexendo em algum ponto no fundo da canoa. Eu ali remando só para passar o tempo. Perguntei para o Antônio, *"Está tudo bem?"* Ele respondeu que sim, que eles somente iriam pegar um material sobressalente para o leme. Não aguentei mais e comecei a remar com um pouco mais de força. Fui me distanciando do grupo. Avancei uns 300m. Parei um pouco. Estava ansioso... Recomecei a remar e pensei, *"Eu sou mais lento mesmo. Vou um pouco na frente e depois eles me alcançam..."* Na verdade, eu precisava continuar remando, porque eu queria usufruir da sensação de remar sozinho por algum tempo na lagoa. Queria poder me avaliar. Queria sentir a solidão na imensidão da lagoa. Ouvir ruídos que somente se ouve sozinho. Ver paisagens que somente se vê quando se está só. E assim fui em frente. Remei por uns vinte minutos e praticamente já não os via. Eram um minúsculo ponto ao longe. Diminuí o ritmo. Apreciei a paisagem. Olhei para mim e me senti um privilegiado! Sim, eu, um usuário de cadeira de rodas com quase cinquenta anos remando sozinho nesse mundo de água sem fim. O barco, a cadeira de rodas e eu. Nada mais. *"Que*

*maravilha!"* Lembrei-me que há 26 anos, quando fiquei paraplégico, quase desisti da vida. Ocorreu-me que muitas pessoas, com toda a perfeição do corpo e todas as possibilidades da mente não fazem nada de sua vida, simplesmente desistem... Essas lembranças sempre me trazem uma triste constatação a mente: existem muitos mais paraplégicos mentais do que físicos. Pessoas que caminham normalmente, mas não se movem pela vida. Também existem muitos surdos mentais, porque são pessoas que ouvem, mas não escutam. Assim como, existem muitos mais cegos mentais, porque são pessoas que veem, mas não enxergam. Fiquei momentaneamente triste por elas... Mas voltei para a minha realidade. Aqui e agora o meu negócio era remar.

Comecei a avistar os meus amigos se aproximando. Fiquei por ali, remando lentamente. Ao longe vi um bando de pássaros. A minha esquerda saltou uma tainha. E a minha direita surgiu, do nada, uma estaca que serve para os pescadores fixarem as redes na qual bati o remo. Senti a pancada e o barco balançou... Imediatamente posicionei os remos na posição de segurança. Remei a ré. Saí da enrascada. *"Uau! Poderia ter virado..."*, mesmo usando flutuadores laterais, um item de segurança indispensável



para remadores da categoria adaptada. Fiquei preocupado que pudesse ter danificado o remo, mas por sorte nada aconteceu. Foi então que me ocorreu se caso eu virasse o barco meus amigos poderiam até ter visto, mas não poderiam ter me ajudado porque precisariam pelo menos de dez a quinze minutos para me alcançar. Tempo demais, dependendo da situação. Obviamente eu sei nadar e meu barco tinha flutuadores laterais para minimizar o risco de uma virada. Mas nada justificava a imprudência que eu havia cometido de distanciar-me de tal maneira dos membros do grupo. Ainda não éramos uma equipe e eu tinha a minha parcela nessa constatação.

Meus amigos me alcançaram. Levei uma dura no integrante mais jovem. *"Eh, Moa, você se distanciou demais? E se tivesse acontecido alguma coisa..."* Eu minimizei dizendo que estava tudo tranquilo, principalmente as águas. Continuamos remando... Estávamos um pouco tensos, pois ainda não nos soltáramos completamente. Creio que cada um estava imerso em seus pensamentos com seus desafios pessoais. Talvez ainda estivéssemos digerindo o impacto de estarmos realizando

um projeto planejado, discutido e programado por quase um ano. Agora era real. Não se tratava de simulação nem de treinamento. Não havia mais volta. Havia a distância a ser percorrida até o nosso destino. Nos restava remar, que era a única forma de levar os barcos de volta de onde saíram. O caminhão que os trouxera já estava de volta a Pelotas. A possibilidade de desistir era quase inexistente, porque envolvia as questões pessoais de ter assumido publicamente o desafio da expedição, além da financeira e estrutural. Desistir custaria caro.

Passado mais algum tempo começamos a nos desconstrair. Afinal, era isso mesmo que buscávamos quando lançamos a ideia em abril do ano anterior. Foi para isso que nos preparamos quando realizamos o primeiro teste no mês de maio para avaliar se suportaríamos remar quarenta quilômetros num mesmo dia. Estávamos onde queríamos estar quando viemos inspecionar o provável local de partida seis meses antes. Remávamos em águas abertas igual ao experimento concluído em novembro passado para avaliar em que condições se poderia remar com canoes e canoas na Lagoa dos Patos.

Conforme avançávamos as remadas foram fluindo com mais naturalidade e a conversa foi aparecendo. A



alegria tomou conta de nós com a consciência de que estávamos realizando um sonho. Brincadeiras e gozações passaram a fazer parte daquela manhã. Víamos pássaros em seu caminho migratório. À nossa frente vimos um grupo de aves, mas não havíamos identificado qual tipo era. Perus? Não, certamente não porque na lagoa não existem perus. Patos? Também não... Pareciam cisnes do pescoço negro... Seria isso possível? Um bando desse tamanho para uma ave quase em extinção? O Wagner e eu ficamos olhando ao longe. O Oguener e o Antônio cruzaram com a canoa pelo meio do bando e constataram que se tratava de um bando de jovens cisnes do pescoço negro. Ainda não voavam, apenas nadavam. Lindo! Registraram a cena num vídeo de alguns minutos.

Mais de 1h30min de remadas. Resolvemos parar, conforme o programa. Havíamos estabelecido que esse seria um tempo razoável para descansarmos de 20 a 30min. Assim, tínhamos a pretensão de dividir o dia quatro períodos de 1h30 de remadas com um intervalo maior para o almoço. Naquele momento comeríamos alguma coisa, fosse uma barrinha de cereal, e eu poderia aliviar a pressão

sobre as minhas nádegas deitando-me no colchonete que nos acompanhava. Encostamos os barcos numa prainha. O Wagner me ajudou a sair do barco. Logo foi comer algo e tomar água. O Antônio e o Oguener estavam caminhando pela margem da lagoa. De repente alguém fala, "*Olha o barco do Wagner...*" Com a preocupação de me ajudar a sair para descansar ele não foi muito cuidadoso com o próprio barco. Encostou-o na areia, mas não firme o suficiente. A marola levou-o para as águas abertas da lagoa. Um canoe a deriva em plena Lagoa dos Patos... O Wagner ainda tentou correr atrás do barco, mas ele já estava muito distante. Havia a canoa... Assim o Oguener e o Antônio foram de canoa atrás do canoe. Alcançaram-no. O Antônio voltou remando a sua canoa e o Oguener o barco. E o Wagner foi apelidado de Deriva!

Retornamos a remada cumprimos com os primeiros dois horários. Pelos nossos cálculos havíamos percorrido uma distância maior daquela inicialmente programada. Paramos numa praia em frente de umas dunas. Logo atrás um bosque. Subimos a toda as dunas de areia com a minha cadeira *off-road* turbinada pela força do Wagner. Voltaríamos a remar somente às 15 ou 16h. Assim, a ideia de um almoço tranquilo e uma soneca nas sombras daquele

bosque nos agradava. Antes dele, logicamente, um chimarrão. Eu aproveitei logo para deitar novamente e minimizar as chances de contrair alguma escara no longo período que ainda tínhamos pela frente. Estávamos felizes, animados e descontraídos. Talvez seria muito mais fácil do que havíamos pensado. Águas tranquilas... Um suave vento a favor... Temperatura amena... Estava tudo correndo tão bem... É, mas era só o convite da lagoa, porque essa sensação não passava de uma grande, mas grande engano.

Havia passado tão somente uma hora quando nos demos conta de olhar para as copas das árvores daquele bosque que começaram a se movimentar com mais força em função do vento. O Antônio nos alertou, *"Esse vento é capaz de mudar a lagoa..."* Ficamos mais um pouco por ali. O Wagner cuidando do almoço. O Oguener do chimarrão. E eu ali deitado. Almoçamos. O Antônio que já estava inquieto foi dar uma volta. Subiu as dunas para olhar a lagoa. Voltou em seguida preocupado e disse, *"Acho que nós não conseguiremos dar a volta no farol. O vento nordeste está muito forte e os canoes não remam mais..."* O sinal de alerta foi acionado. Havíamos seguido o programa

ao parar, mas havíamos feito a parada uns 2000m antes de terminar uma baía, ficando sujeitos a influência direta do vento. Estávamos presos próximos ao final da baía. A lagoa que antes estava tranquila agora se mostrava nervosa. As marolas já se transformavam em ondas. A previsão seria de que o mesmo tipo de vento se mantivesse por mais alguns dias. Estávamos presos. Remar é preciso, mas as marolas impossibilitavam qualquer movimento de precisão. Ou melhor, impediam qualquer movimento de remadas. Mas naquele momento remar também era preciso por necessidade, pois não poderíamos ficar ali por dias. Mas já não era mais possível remar. "*Caramba, e agora?*" Era a pergunta. Analisamos a situação de um lado e de outro. O Antônio sugeriu que fizéssemos o percurso de 2000m a pé, puxando os barcos pela margem da lagoa. Assim, eu entraria na canoa e todos caminhariam pela margem da lagoa puxando os barcos até fazer o contorno no final da baía. Foi isso que fizemos. Os três caminharam puxando os barcos. Eu sentado na canoa. Marolas fortes, mas era uma festa. Por mil metros funcionou, mas a partir daí não foi mais possível seguir em frente porque junto a um matagal de juncos as águas eram muito profundas mesmo na margem. Tivemos que parar. Desembarquei da canoa. No



final da baía avistávamos o farol a ser contornado. Ele estava tão perto, mas ao mesmo tempo inalcançável. O que faríamos para contorná-lo? Podíamos deduzir que do outro lado daquela estreita faixa de terra que se projetava a nossa frente até o farol a lagoa continuava amistosa. Porém, na nossa frente ela demonstrava uma fúria por nós não percebida pela manhã quando começamos nossa remada. "*Era o imponderável...*" dizia o Antônio. O Oguener demonstrava preocupação, pois a princípio não havia o que fazer. O Wagner também estava por ali meio desnortado. O sol a pino nos castigava. Naquele espaço não havia nenhuma sombra. O Antônio foi dar outra de suas voltas nas redondezas, enquanto nós ficamos junto aos barcos. Ao retornar ele disse, "*Vamos transportar os barcos por terra usando a cadeira do Moacir...*" Era uma cadeira *off-road* grande e forte especialmente produzida pela Freedom para o desafio. A ideia era dobrar o encosto da cadeira, colocar na parte do assento algum volume que fosse macio e sobre ele apoiar um barco para ser puxado e empurrado. Aparecia no momento apropriado a capacidade criativa e a iniciativa do Antônio de encontrar alternativas para os imprevistos. O

conhecimento e a experiência acumulados em seus quase sessenta anos fizeram a diferença. Era a diversidade construindo soluções. Enquanto eles arquitetavam a saída eu voltei para o colchonete. Fiquei deitado enquanto as minhas "pernas" faziam o trabalho de sustentar e deslocar o peso dos barcos. Em seguida os três começaram a trabalhar para levar os barcos por terra para a outra costa. Eram somente mil e quinhentos metros, mas cada transporte demorava uma hora e meia. Não estávamos num local de terra firme, mas em meio a um terreno encharcado e difícil para se caminhar. Isso dificultava e muito o trabalho de transporte dos barcos e das demais tralhas que nos acompanhavam. Depois de uma tarde inteira de trabalho duro, por volta das 18h30, os barcos estavam num ponto em que novamente se podia remar. E o nosso programa? Fora por lagoa abaixo... A proposta era ter voltado a remar às 15 ou 16h para alcançar a meta até às 20h. Paramos na hora programada, mas no momento errado. Tivéssemos nós remado por 50 minutos a mais pela manhã tudo teria continuado dentro do programa. Agora restava pagar o preço de não ter tido a flexibilidade para mudar na hora exigida.



Recomeçamos a remar às 19h. A alegria voltou. As marolas estavam um pouco altas, mas o vento nos ajudava. Muitas vezes tínhamos a impressão de que estávamos surfando. Os barcos deslizavam pelas ondas. As remadas não eram tão precisas, mas sentíamos que a velocidade de deslocamento era muito boa. Acreditávamos que chegaríamos ao local programado para encontrar a equipe de terra até às 21h, no máximo. Mais uma vez não sabíamos o que nos esperava. Depois das 20h já começávamos a lançar olhares esperançosos pelas margens na expectativa de enxergar a kombi dos nossos amigos de terra. Tínhamos um cenário maravilhoso a nossa margem. Aquela costa tinha mais de 60km de linha quase reta. A festa da natureza estava em seu esplendor naquele momento de final de tarde. Pássaros, peixes e vegetação na margem. Às vezes ficávamos um pouco tristes, porque naquele trecho predominava o reflorestamento de pinus, uma árvore prejudicial à diversidade de fauna e flora.

Nós remando e o tempo correndo. Eram 20h30 e nada da kombi. O sol se pôs. Apesar de lindo, não conseguimos desfrutar plenamente da sua beleza.

Estávamos preocupados. *"Será que encontraríamos o pessoal de terra?"* O relógio marcava 21h e nem sinal. O lusco fusco chegando. Ao longe o Oguener, olhos de águia, avistou alguém jogando uma rede. Poderiam ser nossos amigos... Nos aproximamos e descobrimos que eram pescadores locais. Paramos e perguntamos sobre eles terem visto nossa equipe de terra. Eles nos informaram que viram nossos amigos na cidade e sabiam que eles estavam a uns cinco quilômetros mais adiante. *"Ufa, que bom!"* pensamos. Uma coincidência incrível! As únicas pessoas que vimos naquele dia haviam conversado com nossos amigos no posto de combustível da cidade enquanto abasteciam o veículo. Isso foi comemorado como um sinal claro de que deveríamos continuar remando. Chegaríamos a eles até às 22h, mais ou menos.

Voltamos a remar. A escuridão chegou. Alguém disse, *"Lembra que dissemos que poderíamos remar à noite? Já está acontecendo..."* Era uma das estratégias e possibilidades aventadas para o caso de não conseguirmos remar durante o dia em função dos ventos. Há um histórico registrado e por nós consultado nos diferentes institutos meteorológicos da predominância dos ventos durante o dia e a calmaria durante a noite. Também tínhamos conosco



algumas cartas náuticas com informações precisas sobre a profundidade e as margens da lagoa. Enfim, estávamos curtindo a situação, pois um dos pontos sempre tratados em nossa preparação era de que a aventura deveria ser divertida. Caso não fosse não valeria a pena.

O tempo passando e nada de localizar a equipe de terra. A preocupação voltava. A descontração estava se indo... O cansaço chegando, tomando conta do corpo e do espírito. A ansiedade que pela manhã era para iniciar já começava a se transformar em irritação pela vontade de parar. Já havíamos remado sete ou oito quilômetros desde que encontráramos os pescadores e nada. *Que cinco quilômetros... Onde estarão nossos amigos? Teríamos nós que dormir ao relento?* Nós tínhamos conosco barracas e um kit extra de sobrevivência, mas somente os usaríamos em casos extremos. *Será que já seria necessário fazê-lo no primeiro dia?* Todos estavam exaustos, mas quem manteve o espírito elevado foi o Oguener com a sua habilidade de técnico para extrair sempre o melhor de cada atleta. Quando ele sentia que o clima ficava pesado com o silêncio reinando entre os integrantes, podendo somente se

distinguir o ruído das pás dos remos na água, falava algo. Às vezes uma piada. Outras vezes um comentário qualquer. Às 22h30 resolvemos parar. Os pescadores não poderiam ter se enganado tanto... Encostamos na margem da lagoa. Olhávamos na noite escura e víamos ao longe alguns pontos de luz. Poderiam ser nossos amigos, mas também poderiam ser pescadores ou simplesmente uma luz acesa em alguma casa qualquer. *O que vamos fazer? Acampar aqui mesmo? "Vamos olhar o nosso ponto de encontro no GPS!"*, alguém sugeriu. *"Isso mesmo!"* Todos concordaram. Procuramos o GPS na canoa e nas diferentes bolsas impermeáveis que tínhamos conosco. Nada. *Cadê o GPS?* Era a pergunta que ninguém sabia responder. Em combinação com a equipe de terra nós tínhamos marcado as coordenadas dos locais de acampamento para cada uma das noites. Nós, a equipe de água, tínhamos um aparelho com os pontos e eles, a equipe de terra outro, com os mesmos pontos. Um momento de tensão. Normalmente seria um momento de acusações entre os integrantes, transferindo as responsabilidades. *"Quem esqueceu? Quem era o responsável?"* Felizmente, em nenhum instante surgiu algum comentário dessa natureza. Se essa solução não estava disponível qual era o nosso Plano B? Havia Plano b? Ah, havia um plano B. Sim,

havíamos trazido foguetes comuns e foguetes sinalizadores. O combinado seria que a equipe de água soltaria primeiro e a equipe de terra, caso visse, soltaria depois como resposta. Assim, resolvemos soltar por primeiro os foguetes comuns com três tiros, mais baratos. Nada de resposta. Alguns minutos depois soltamos o foguete sinalizador com rastro de luz. Esperamos... Ansiedade... Nenhuma resposta... Não tinha jeito, o melhor seria que acampássemos ali mesmo. Já estávamos conformados com isso pensando que o nosso planejamento não estava funcionando. Já havíamos cometido uma falha pela manhã ao não mudarmos o programa quando deveríamos ter mudado. Agora não conseguíamos localizar a nossa equipe de terra. Estávamos em silêncio. Cansados demais para comentários. Os meus amigos caminhavam pela praia e eu podia vê-los com o auxílio da luz da lanterna presa na canoa. Eu continuava sentado no meu barco. De repente, ao longe vimos os três tiros de um foguete comum. Não ouvimos, mas sabíamos que eram eles! Não havia dúvidas! Quem mais estaria soltando foguetes num local inóspito as margens da lagoa naquele local e naquele horário? A resposta tão

ansiosamente esperada foi comemorada. Sim, eles estavam a frente. Talvez ainda faltassem uns três ou quatro quilômetros, mas eles haviam nos visto. E nós os havíamos localizado. Agora era uma questão de honra encontrá-los. Voltamos a remar com a certeza de que chegaríamos ao ponto marcado. Esse estímulo foi o que nos manteve com energia, porque na realidade todos estavam extenuados. O nível de fadiga chegou a me dar momentos de tontura. Quando eu acreditava que não dava mais ouvia uma palavra de estímulo que vinha do Oguener. Certamente ele também estava cansado como atleta, mas conseguia encontrar forças para se manter e ainda incentivar aos demais como o técnico que é.

Conforme nos aproximávamos das luzes que avistáramos ao longe uma alegria quase incontida começava a tomar conta de todos nós. O Oguener e o Antônio que remavam a canoa tinham a visão frontal do acampamento. O Wagner e eu, caso quiséssemos ver o quanto ainda faltava para chegar tínhamos que nos virar para trás, afinal nós remávamos de costas. A minha pouca mobilidade aliada com as dores musculares resultantes do cansaço praticamente me impediam de olhar o quanto faltava. Sentia-me um menino numa viagem com os pais,



porque volta e meia perguntava, *"Falta muito?"*, exatamente como fazem as crianças. Alguém respondia, *"Uns mil metros..."* E eu pensava, *"Meu Deus, tudo isso. Quer dizer no mínimo mais sete ou oito minutos..."* Mais um pouco, *"E aí?"* E vinha a resposta, *"Estamos quase lá..."* E eu buscava as forças para continuar remando nesse trecho que me pareceu interminável. A escuridão era total. Via somente a luz fixada na proa da canoa. Finalmente comecei a ouvir alguns gritos vindos da margem. Movi lentamente minha cabeça para a direita. Na minha visão periférica começou a entrar a luz do acampamento. Logo em seguida o Oguener gritou, o Antônio e o Wagner acompanharam. O pessoal de terra respondeu com foguetes. Sim, havíamos chegado.

Finalmente conseguimos encostar. Manobrei o barco para que pudesse olhar o acampamento de frente. Apesar de todas as belezas naturais vistas durante o dia nada substituiria a beleza de ver a luz de lampião daquele acampamento. Lampião a querosene que me remeteu diretamente aos tempos de infância vividos sem energia elétrica. Eu senti que estava chegando em casa. Creio que o

sentimento foi compartilhado por todos. Fomos recebidos com uma acolhida digna da conclusão do desafio e não apenas do primeiro dia. Eram mais de 11h da noite.

Também a equipe de terra estava completamente desorientada. Era o primeiro dia. A ansiedade era geral. Os planos descritos no papel estavam sendo postos a prova naquele dia. E eles, por terra, não tinham muito o que fazer a não ser esperar. Certamente que isso pode ser muito mais angustiante. Mas eles não se limitaram a esperar. Logo que montaram o acampamento no ponto que haviam chegado na praia começaram a falar com alguns vizinhos. Era uma pequena comunidade de pescadores quase sem pescadores. Ainda não havia começado a temporada de pesca, assim viviam naquela região apenas algumas pessoas. Mas todos já estavam sabendo da equipe que viria por água. Os pescadores com os quais havíamos conversado os avisaram da nossa próxima chegada, logo depois que pararam de pescar. Mas nós não sabíamos disso. O Vicente Filho caminhou por mais de dez quilômetros pelas margens da lagoa a nossa procura. Também não nos encontrou. Conseguiu uma dúzia de bolhas nos pés. Por isso o momento de comoção com a nossa chegada. A dúvida, a incerteza e o fato de não saberem o que estava acontecendo



havia deixado a equipe de terra tão ou mais angustiada do que a nós da equipe de água.

E assim foi o primeiro dia. Ainda teríamos muito pela frente. O desafio recém começara...

## Cisnes, sombra e trabalho: Poesia e Fotos

E veio a barra da aurora.  
Dia lindo, calma...  
Impossível foi prever  
o que este dia traria...  
Nesta noite, tantas luzes,  
de estrelas, dos lampiões,  
de satélites, até...  
e entre risos e "trovões"  
nossos olhos desviavam  
para um pontinho, piscando,  
no escuro horizonte...  
Farol Cristovão Pereira!  
no nosso caminho, distante...  
Na clara distância do dia  
no início desta remada,





depois que saiu o sol  
por mais que tentasse,  
não via  
mas há um jeito:  
remando...  
é bem longe esse farol!

E fomos, contentes, confiantes,  
rodeados por um ambiente  
perfeito - ainda possível...  
Água doce, cristalina,  
vento calmo e a favor...  
Bandos de cisnes, ave rara,  
aqui se juntam em bandos,  
e nadam à nossa frente,  
depois dispersam, voando!

Na parada de descanso  
acontece um imprevisto:  
o vento carrega um barco  
mas buscamos, sem problema,  
a não ser para um rapaz...



Aos pouquinhos, no horizonte,  
o farol aparecia...  
um risquinho no início,  
que pouco a pouco crescia...  
duzentos anos de história,  
logo ali, agora perto.  
um descanso, o almoço,  
bem merecemos, por certo...

Mas... Da sombra gostosa do mato  
não vimos o vento aumentando  
e entrou o nordestão  
entonado, assobiando...

Do meio dia pra tarde  
ele branqueou a lagoa...  
"Carneiros" pra toda parte  
como dizendo: - cuidado  
aqui quem manda sou eu!  
Uma surpresa das brabas...  
O que é isso, meu Deus?  
Tava calmo até agora,

agora não dá pra passar...

Voltar, impossível,

pra frente, vamos ver...

Surge uma primeira ideia:

Puxando nós vamos adiante,

só assim pra resolver...

Na canoa vai o Moa,

e cada um puxa um barco.

Deu certo no trecho de praia,

mas chegamos num juncal...

água funda, onda alta,

já não dá, tem que aportar.

Volta um pouco, acha abrigo,

passar...nós vamos passar!

Logo ali está o farol,

quase ao alcance da mão,

e adiante a praia calma,

na revessa deste vento,

Pra lá nós temos que ir...

E achamos a dita praia

virada pro lado sul

faltava passar os barcos,  
mas há de ter solução...  
foi quando deu a ideia:  
"Moacir, fica no chão,  
na cadeira vão os barcos,  
que nem na Revolução!"  
E passamos a canoa  
por banhados, campo, areal,  
deu trabalho, mas passamos  
que nem o Barão de Seival!  
E depois os outros dois  
junto com toda tralha,  
chegamos à praia calma,  
vencendo mais esta batalha...  
Cinco horas de trabalho,  
depois que vimos o vento  
e voltamos a remar...  
E foram "cinco quilômetros"  
foram dez, quinze, vinte...  
Chegamos lá pelas onze  
pelas luzes orientados,  
moídos pelo cansaço...







E sentimos: depois disso  
nada melhor que um abraço!  
Nunca via tanta alegria  
ao se encontrar encontrar  
um amigo!  
No fundo da alma,  
o alívio!  
Na casca do corpo,  
o descanso!  
No encontro de todos,  
o sucesso!



Antônio Schuster

## Cisnes, sombra e trabalho: Planejamento e flexibilidade

Foi um dia intenso, marcado por situações previstas e imprevistas, com dificuldades extremas e amenidades. Em todas elas se sobressaiu o convívio, forte e tranquilo, assertivo e harmonioso. Ao relembrar o dia pode se fazer uma série de comparações com o ambiente organizacional, seja ele em empresa pública ou privada. As comparações podem alcançar aspectos de concepção, de planejamento e de execução de um projeto com início, meio e fim ou a rotina diária de um trabalho com prazo indeterminado.

Ao se falar em projetos pode-se destacar uma tendência de gestão por projetos que tem ganhado mais espaço nas organizações. Mais e mais empresas tem contratado equipes inteiras para desenvolver um projeto, podendo elas serem desligadas assim que ele é concluído ou



remanejadas para outro. Essa prática tem sido apontada como uma novidade dos atuais tempos. Entretanto a questão da novidade não é verdadeira. A gestão por projetos é tão antiga quanto a própria história da humanidade. Vive-se tão somente uma fase em que os projetos estão sendo diminuídos em tempo, espaço e tamanho. Antigamente tinha-se projetos para uma vida, como o casamento na esfera individual, ou a construção de uma catedral na esfera comunitária. O casamento uma vez assumido, independentemente da felicidade ou não dos parceiros, era cumprido a risca até o final da vida dos cônjuges. Amantes, traições e até agressões não eram motivos suficientemente fortes para superar a vergonha de uma separação. Era necessário concluir o projeto a qualquer custo. Os projetos de construção de obras de grande porte ilustram a história da humanidade. As pirâmides, os castelos e as catedrais eram projetos que igualmente se estendiam pelo prazo de uma vida.

No atual contexto individual ou organizacional mais e mais as metas e objetivos são divididos em projetos, que uma vez alcançados desdobram-se em outros tantos. Tem-

se a vantagem, no meu ponto de vista, de que são projetos curtos e que ainda assim podem ser interrompidos e mudados. As informações e as mudanças nos permitem mudar de rumo, tanto em nossas opções individuais quanto nas escolhas organizacionais. E não há demérito nisso. Essa capacidade de mudança pode revelar a capacidade de se ajustar a novas verdades que fazem com que de projeto em projeto possamos ampliar nossa expectativa de vida pelo acúmulo de experiências.

O projeto da nossa expedição em cumprir com os 220km pelas margens da Lagoa dos Patos também era algo com início, meio e fim programados. O projeto na sua totalidade somente se cumpriria quando chegássemos no nosso destino. Entretanto, a divisão do projeto em dias era natural. Isso havia ficado comprovado ao final do primeiro dia de remadas. Todos os dias tínhamos que trabalhar com um planejamento específico considerando o ambiente externo e interno do empreendimento. Externamente o clima e a geografia eram elementos que nos impactavam diretamente sem que nós tivéssemos controle sobre eles. A força para vencer os obstáculos do ambiente externo deveria ser encontrada nas variáveis do ambiente interno sobre as quais nós tínhamos autonomia e influência. Assim,



planejar e replanejar os procedimentos e fixar e flexibilizar metas ou objetivos seria uma constante. Um exercício a ser feito todos os dias, várias vezes.

Igualmente, as decisões tomadas em função da subdivisão do grande projeto em projetos menores deveria manter a grandeza de considerar a sua totalidade. Tínhamos um objetivo que pretendíamos alcançar, desde que fosse de forma prazerosa e segura, considerando que as dificuldades seriam parte dele. Para alcançá-lo certamente teríamos que ser flexíveis para mudar o que deveria ser mudado, contudo sem sermos fracos a ponto de desistir diante das primeiras dificuldades.

No início do dia o que predominou foi a ansiedade entremeada com o entusiasmo. A ansiedade estava expressa nas feições de cada um desde o dia anterior. Não víamos a hora de que a manhã chegasse. Foi difícil dormir. O Wagner sonhava na barraca. Falava enquanto dormia imaginando que já estava remando. No dia em que iniciamos a remada a ansiedade se revelou em mim com uma força tamanha que não consegui esperar pelos meus amigos. Saí remando antes mesmo de que todos estivessem

na água. Naquele momento também senti o entusiasmo. Muito mais do que isso, naquelas primeiras remadas senti força, vigor e vontade de iniciar o projeto para poder concluí-lo. É um fator importante em cada pessoa que participa de uma organização ou de um projeto: há que ter entusiasmo.

O entusiasmo é fonte de motivação que proporciona prazer naquilo que se faz aumentando as possibilidades de êxito. E o entusiasmo e a motivação estavam presentes em cada um dos integrantes da expedição, bastava ver os seus olhos e os seus movimentos.

Num ambiente em que as mudanças são uma constante, configurando-se em rotina, a flexibilidade é fundamental. Isso ficou evidente no momento em que não fomos flexíveis o suficiente para mudar uma programação preestabelecida. Havia um planejamento que indicava que nós pararíamos por volta das 10h da manhã. Assim nós o fizemos. Nós não analisamos o cenário externo que estava mudando e com isso não alteramos o programa gerando consequências duríssimas mais a frente. A flexibilidade aqui não se refere a simplesmente mudar o horário de trabalho ou não ter horário fixo de chegada ou de saída. Vai muito além. Trata-se de uma flexibilidade mental que nos



permita fazer novas leituras do mesmo ambiente e com isso exibir atitudes flexíveis. É natural que se procure seguir o planejado em busca de segurança seguindo o roteiro. Entretanto, há que se lembrar que planos são baseados em cenários imaginados que podem não corresponder a realidade. Nesse ponto a flexibilidade do olhar permite que as pessoas se adaptem rapidamente a realidade alterando o projetado, sempre que for necessário. O trabalho adicional que tivemos simplesmente por não termos sido flexíveis quase nos custou a continuidade da expedição.

Porém, naquele momento o dano já estava feito e nada mais havia que pudéssemos fazer sobre a nossa falta de flexibilidade, a não ser a reflexão que poderia nos ajudar numa nova situação. No momento em que nos deparamos com a impossibilidade de continuar remando tínhamos um problema real que deveria ser resolvido. Foi então que surgiu a criatividade acompanhada da iniciativa e fundamentada no conhecimento. O Antônio teve a capacidade de analisar o novo cenário e com o conhecimento acumulado ao longo de sua carreira profissional propor uma solução criativa. Usar a cadeira de

rodas para transportar os barcos foi uma ideia genial. Contar com a participação dos demais integrantes fez com que se começasse a evoluir para uma equipe. A iniciativa presente nas ações de cada um produziu o resultado de possibilitar que se voltasse a remar. O imprevisto aconteceu e gerou um problema que foi solucionado. Mas foi o trabalho, com um forte espírito de superação, que colocou a expedição de volta ao jogo.

O mesmo episódio também revelou um movimento de liderança por trás da criatividade e da iniciativa. Não se tratou de uma liderança autocrática, mas de uma construção natural resultando num movimento democrático e liberal. Um exemplo de liderança flexível e adaptado a situação e aos resultados que se pretendiam.

Esse mesmo movimento pode ser identificado na parte final do dia, quando a fadiga começou a tomar conta dos integrantes da expedição. A motivação verbal feita pelo Oguener nos momentos mais difíceis fez com que cada um desse o melhor de si para que se alcançasse um objetivo individual e comum. Havia liderança em diferentes situações exercida por diferentes integrantes, mas não havia gerência. Não havia controle. Havia movimentos autônomos dos integrantes da expedição que revelava o





grau de autonomia individual, marca presente desde a sua concepção. Cada um sabia a sua tarefa, entendia a sua relação com o tempo e detinha a técnica. Também cada um ali estava porque queria estar, o que deveria resultar num time. Sabíamos que estavam em jogo as metas e os resultados que nós queríamos atingir naquele dia e que permitiria que se continuasse em busca do nosso objetivo. O nosso projeto teria distintas partes que formariam o todo. Cada um assumiu a sua responsabilidade.

Com isso, pretendíamos concluir a expedição!

## Patos e banho: Fatos

Resolvemos não seguir a programação de começar a remar de madrugada, pois seria humanamente impossível. Resolvemos relaxar e deixar que o desafio estabelecesse o seu próprio ritmo. Flexibilidade agora era uma questão de sobrevivência.

No dia seguinte acordei às 9h, ainda assustado com a realidade do dia anterior. Falei com o Wagner no interior da barraca que revelou estar com as nádegas doloridas por causa do assento duro do canoe. Ele demonstrou dúvidas com relação a condição de aguentar o mesmo ritmo por mais cinco ou seis dias. Ele comentou sobre a possibilidade de trocar com o Oguener, passando a fazer dupla com o Antônio. "*Ok!*", disse eu, mas somente o faríamos caso ele continuasse a sentir dores. Também eu estava receoso. Havia feito um treinamento intensivo durante os dois meses que antecederam o evento visando calejar as mãos para que



elas aguentassem o ritmo e, logicamente, obter o condicionamento físico necessário. Entretanto, existe um ditado que diz, "*Treino é treino, jogo é jogo*" que se confirmava na realidade. Depois do primeiro dia de remadas as minhas mãos já apresentavam umas seis ou sete consideráveis bolhas. E eu me perguntava, "*Como assim?*", já que minhas mãos estavam fortemente calejadas dos treinamentos... O problema se deu na segunda metade do dia anterior em que remamos em águas muito maroladas. Isso faz com que o remador, constantemente, tenha que buscar o equilíbrio do barco com o manuseio dos remos. Com isso forçava pontos das mãos que nos treinos realizados em águas mais tranquilas não eram exigidos. Como consequência calos e mais calos. Para um remador convencional dos barcos olímpicos esse movimento não é tão forte, uma vez que grande parte do equilíbrio é feito com os pés, as pernas e o tronco. Para o meu caso isso não se aplica. O remador que usa somente o movimento dos braços o faz porque não tem nenhum equilíbrio nos membros inferiores e no tronco. Para os remadores da canoa o esforço nas mãos também era menor. Para eles

mesmo que as águas estejam mais agitadas o remo sempre entra da mesma forma na água não exigindo das mãos esse equilíbrio. Mostrei as minhas mãos para o Wagner que fez, "Xiii...". Falei, *"Não dá nada. Hoje vou me encher de esparadrapos nas mãos..."*. Mesmo sabendo que teria, a partir deste dia, a companhia constante das dores. Seria inevitável.

O condicionamento físico fora testado no dia anterior. Apesar de toda a exaustão apresentada ao final do primeiro dia nessa manhã já me sentia melhor. Não completamente revigorado, mas em condições de encarar uma nova empreitada. Saí da barraca e pude ver o cenário onde estávamos hospedados. Sim, hospedados porque quando encostamos na noite anterior foi como se tivéssemos chegado a um hotel cinco estrelas. A luz da fogueira dava um toque de beleza especial ao acampamento. Na manhã seguinte, vi uma kombi branca com uma lona amarela estendida formando uma tenda digna de Lawrence das Arábias, porque ao seu redor somente se via a areia branca daquela linda praia. Tudo muito diferente do cenário visto na noite anterior quando encostamos ali, mas nem por isso menos bonito. O céu



estava limpo. O vento ainda estava calmo. Certamente poderíamos remar naquele dia.

O nosso cumprimento matinal entre os membros da expedição foi um pouco tímido. Olhei para o Oguener e para o Antônio e senti que também eles estavam atordoados com a performance do dia anterior. Acredito que todos pensávamos algo semelhante, *"Se o primeiro dia foi tão duro imagina como vai ser até o final?"* Mas por outro lado também se pensava, *"Se com todo o transtorno que tivemos foi possível então os demais dias também serão..."* Eram duas faces da mesma moeda. O pessoal de terra era a nossa alegria. Ele faziam os seus gracejos porque simplesmente estavam se divertindo, mas também para aliviar a nossa pressão e a que eles também sentiam. Acredito que também eles tinham lá as suas dúvidas com relação a conclusão da expedição. Deveriam se perguntar, *"Será que vão conseguir? Chegaram como chegaram ontem e como vão conseguir remar hoje?"* Era o Vicente Pai colocando o Gustavo para trabalhar e invocando com as falas do Amauri que comparava tudo com a sua amazônia. Ele falava do sapo que mata e das tantas outras lendas amazônicas que

eram apresentadas como verdades. As comidas indígenas. Os peixes de lá. E todas as palavras tinham em sua composição uma sílaba em comum. O Amauri falava do piraru"cu" e todos já caíam no seu couro. Tomava um chimarrão e a gozação era a mesma. Mas as brincadeiras serviam para elevar o espírito e o estado de ânimo de todos. Essa descontração era fundamental.

Tomamos chimarrão e um bom café. Enquanto conversávamos e lembrávamos de situações vividas no dia anterior também tratávamos das questões para o dia que começava. O pessoal de terra avisou que não haviam entrado exatamente no ponto indicado pelo GPS porque não havia passagem. A estrada que nós havíamos marcado seis meses antes estava interrompida. Aproveitamos e olhamos a nossa localização no GPS. Olhamos o ponto num aparelho. *"Caramba, isso não pode estar certo. É muito longe do ponto marcado..."* Olhamos o ponto no outro aparelho e a mesma situação. Era a confirmação de que nós havíamos remado 50km no dia anterior. Foi a melhor notícia que poderíamos ter. Remáramos dez quilômetros a mais do que fora programado!!! Vibramos, sorrimos e nos abraçamos com a certeza de que conseguiríamos completar



os 30km quilômetros que nos faltavam para mais uma vez alcançarmos a meta.

Retornamos à lagoa às 11h20 naquele dia. Estávamos mais tranquilos e relaxados. A nossa autoestima e autoconfiança estavam em alta. Sabíamos do que éramos capazes depois de enfrentar no primeiro dia diferentes tipos de desafio. Naquele momento a lagoa nos ajudava. Decidimos fazer intervalos menores para aproveitar melhor o vento que nos favorecia.

Numa das paradas o Wagner falou das suas dores novamente. Fizemos a substituição. Agora a dupla na canoa era formada pelo Wagner e pelo Antônio. O mais e o menos jovem no mesmo barco. O Oguener voltava a remar um barco escola, seu objeto de trabalho na academia de remo.

Tudo fluía perfeitamente, porém a lagoa tem vontade própria forjada nos milhões de anos de sua existência. Ela também, assim como nós, tem inúmeras facetas. De um momento a outro a calmaria deu lugar a grandes marolas, mas o deslocamento dos barcos continuava bom. Aquela sensação de que estávamos surfando voltava. Às vezes nos dava a impressão de que

estávamos num parque de diversões. Porém, o vento continuava a aumentar e as marolas também. Elas praticamente se transformaram em ondas inconstantes e irregulares. Não se conseguia acompanhar a sua frequência para sempre manter o barco preparado para os encontros com as marolas que vinham de todos os lados. Começava a ficar um pouco perigosa a remada. Em um momento de distração minha uma onda levantou a popa do meu barco e girou a sua proa fazendo com que eu desse um rodopio de quase trezentos e sessenta graus. A sensação de que eu viraria o barco foi grande. Gelei no momento em que senti que já não tinha mais o seu controle. Virar o barco naquelas águas poderia ser perigoso não pela profundidade, mas justamente por serem muito rasas. Como eu remo com uma cadeira fixa e com um encosto ao qual eu me preno com uma fita, caso eu virasse o barco, a minha cabeça e o meu tronco encostariam no fundo recebendo todo o peso do barco e da cadeira que eu também carregava. Poderia sofrer graves lesões. Eu somente não virei o barco porque ele estava equipado com os flutuadores laterais que o impediram. Mesmo assim o susto foi grande.

Ainda faltavam uns dez quilômetros e estava praticamente impossível remar. Os barcos rapidamente se





enchiam de água, deixando-os pesados e instáveis, além do risco de literalmente afundarem. Tínhamos que fazer paradas frequentes para esvaziá-los. Um trabalho duro de força e vontade. Cada barco pesava em média quarenta quilos mais a água que havia entrado facilmente os fazia superar os cem quilos. Eu ainda carregava a cadeira de rodas em meu barco o que aumentava o peso e a instabilidade. Naquele momento apareceu a exuberância da juventude na força quase descomunal do Wagner ao ajudar-me a entrar e sair do barco ou mesmo ao esvaziá-lo. Tirar da água, virar e erguer o barco para que a água escorresse exigia de todos um trabalho titânico. Numa dessas paradas ele sugeriu, *"Porque não colocamos a cadeira do Moacir no canoe do Oguener. Acho que é mais seguro..."*. Foi o que fizemos. Para mim era uma questão importante carregar a cadeira, mas a segurança vinha em primeiro lugar. Apesar das dificuldades a remada passou a render um pouco mais. Alcançamos a nossa meta ainda dia claro. Agora sim estávamos começando a desfrutar da aventura.

Naquele dia, 30km depois, ainda claro pudemos ver ao longe a kombi estacionada na praia e a lona amarela

estendida entre as árvores de pinus no alto de uma duna. Era uma visão maravilhosa! Era a certeza de naquele dia teríamos um lugar acolhedor e com boa companhia para passar a noite. Quando encostamos os barcos na praia e descemos, um a um os remadores se jogaram nas águas límpidas e doces da Lagoa dos Patos. Eu ainda me ajeitava na cadeira de rodas. Olhei para os demais e não tive dúvidas. Entrei com tudo nas águas capotando a cadeira. Era uma praia rasa. As águas estavam mornas. E o banho foi simplesmente revigorante. No dia anterior ninguém havia sequer pensado em tomar banho, mas naquele dia usamos até sabonete. Um luxo! Ficou a sensação gostosa de limpeza após o gozo de estar num cenário maravilhoso. Não havia sinal de outros habitantes por lá. Éramos nós, as águas, a kombi, a lona e as barracas. Parecíamos patos na Lagoa dos Patos...

O Vicente Pai preparou uma bela de uma macarronada. À noite as conversas ao redor da fogueira iluminados pelo lampião se estenderam até mais tarde. A sintonia entre os remadores estava se solidificando a cada dia. A harmonia com o pessoal de terra era especial. Terminar o dia sem nada para fazer também era algo que buscávamos na Lagoa dos Patos.

## Patos e banho: Poesia e fotos

Noite dura, a da véspera...  
Chegamos cansados, moídos.  
Mas na kombi tinha tudo,  
principalmente acolhida,  
da turma que deixa Rastro,  
uma trilha na medida...



Sáímos bem tarde esse dia,  
em direção a um farol...



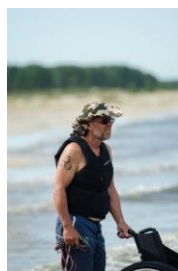
Pra quem tem frio,  
pra quem tem fome,  
especialmente saudade...  
É Selvagem só no nome,  
no mais é pura amizade!

tinha vento, com marolas.  
Dava pra ir, controlando...  
Uma que outra "embarcava"  
e o porão ia encharcando...



De vez em quando : - Pra praia!

Tinha que tirar a água,  
senão o barco afundava!  
Estamos ficando cancheiros,  
mas cansa, parar toda hora  
e atrasa a jornada,  
mas tudo bem, vam'bora...



Passamos pelo farol,  
que fica atrás da praia.  
A seguir uma enseada,  
com botes de pescadores.  
Estava bem abrigada,  
do vento e era um fundão..  
Paramos aí um pouco,  
pedimos informação:

"- Daqui pra frente é tranquilo,  
baixios vão dar proteção"...  
A onda quebrava lá fora,  
perto da praia...mansinha!  
fizemos um belo almoço...  
Wagner foi pro fogão.



Dia quente, sol bem forte,  
remada rendendo agora...  
nós pela costa do junco,  
marola quebrando lá fora...  
e assim foi um bom trecho,

mas o "passeio" acabou  
agora não tem baixios  
e a marola nos pegou  
mas já "tamo" acostumados  
e o vento de popa ajudou.

De longe já vimos a kombi  
e a fogueira preparada...  
Nem precisou ser acesa  
chegamos cedo, na boa.  
Rendeu bem essa remada,



Foi gentil, hoje, a Lagoa...  
Chegamos, caímos n'agua!  
um bom banho merecemos...  
e tinha até sabão...  
Estamos em casa,  
sabemos!  
fogo de chão aceso,  
e um belo salsichão  
reavivam nossas mentes!  
Só cuidado com a areia...  
senão...  
Coitados dos dentes!  
A lona amarela, esticada  
entre os pinus invasores  
e a kombi na areia parada...  
Que acampamento!  
Nisso já somos "doutores"  
Chegamos aqui remando,  
ou "peludiando" nos matos...  
É um grupo de respeito  
visitando a Lagoa dos Patos..



Antônio Schuster

## Um dia de folga: Fatos

Na manhã seguinte levantamos conforme o programa. Olhei pela porta da barraca e vi aquele cenário maravilhoso. A Lagoa dos Patos em toda a sua beleza à minha frente. Ainda se ouviam os ruídos de grilos e de sapos. Eram 5h da manhã. O sol não nascera, mas havia alguma luminosidade do dia que iniciava. Aquela sensação de paz me preenchia a alma. Era sábado de manhã... Difícil de acreditar! Que diferença faria para nós o dia da semana? Nós não tínhamos esse tipo de preocupação naquele momento. Nós éramos sapo. Nós éramos bicho. Nós éramos natureza. Pouco importava...

Mas nós estávamos ali para remar... Porém o humor da lagoa nos fez permanecer por mais um dia naquele mesmo lugar. As ondas deixavam a vista da lagoa como se estivéssemos vendo carneiros. Elas quebravam por todos os

lados e isso impossibilitava que os canoes navegassem. Mais uma vez eles rapidamente se encheriam de água e poderiam virar a qualquer momento. Enquanto eu olhava pela porta da barraca vi o Oguener e o Antônio fazerem o mesmo. Conversamos um pouco. Nada feito, vamos voltar a dormir. Que sensação maravilhosa! Dormir naquela manhã com uma temperatura agradável ouvindo as ondas da lagoa. Nada de remar. Lembra-se, era sábado, ninguém vai "trabalhar".

Primeiro até acreditamos que estávamos perdendo um dia, mas na verdade fomos brindados com uma folga maravilhosa!!! Iríamos aproveitá-la. Lá pelas 8h quando levantamos e tomamos o café ficou acertado que remariamos somente no dia seguinte. Alguns foram pescar. Outros aproveitaram para ler ou simplesmente apreciar as belas paisagens proporcionadas pela natureza de onde estávamos. Apareceram visitantes locais, entre eles uma mulher que foi classificada como miss Bojuru, que era o nome do local onde estávamos naquele momento. Alguém encontrou uma sandália feminina e o jogo de encontrar a Cinderela teve espaço. O humor da equipe de terra contagiava a todos. Era o João Vicente Pai que sempre arrumava uma história para contar. Era o Gustavo que se





orgulhava de não tomar banho. Era o Amauri, amazonense de Rondônia, que comparava tudo com a sua região, mas alguém logo fazia uma gozação com aquela sílaba que teimava em aparecer... Era o João Vicente Filho que nos enriquecia com seu conhecimento sobre animais. Foi um dia de lazer que permitiu que nos recuperássemos física e emocionalmente. As mãos eram o meu ponto fraco, pois é nelas que recai o impacto da força feita com o braços e que também carrega a pressão que um atleta convencional faz com as pernas. Os calos estavam em carne viva. Aquele dia de folga também permitiu que elas se recuperassem um pouco.

O Antônio e o Oguener começaram a percorrer as redondezas. Encontraram uma família de pescadores de Joinville. Conversaram, trocaram ideias e obtiveram muitas informações sobre a lagoa e as suas influências. O ciclo dos ventos, das águas e o canal de navegação que passava logo adiante. Eu passei boa parte do tempo na barraca aproveitando para aliviar as nádegas. O Wagner foi pescar. Não pegou nada, mas pescou... Nessa calma e tranquilidade passamos um dia incrível.

Também isso procurávamos na lagoa enquanto fazíamos os planos de percorrer as suas margens.

## 10

### Um dia de folga: Poesia e fotos

E o vento refrescou,  
como se diz na marinha,  
e brisou a noite toda...  
De novo o nordestão,  
que impera nesta banda,  
abriu a "bandeira" do João,  
camiseta desfraldada  
numa vara de bambu...  
Esse vento seguiria,  
com uma só variação,  
até chegarmos ao Umbu.



Acordei de madrugada  
com os barcos "se batendo"..  
A água havia subido,  
com marolas, espumando..  
Puxei os barcos pra cima,  
pra ficarem resguardados.  
Muda rápido esse clima,  
tem-se que estar preparados,



e antes de clarear o dia  
eu já ia percebendo:

hoje estaremos parados...  
o nordestão tá mandando!  
Clareou, chegou a aurora,  
o pessoal foi levantando...  
Do mate chegava a hora  
ou café, conforme fosse...



Não dava pra ir embora,  
o vento estava bem forte!

Não diria que não desse...  
Mas que era um perigo, era!  
O bom senso nos dizia:  
- É melhor ficar aqui...  
Uma hora o vento acalma,  
então podemos partir...



Aproveitamos o fato  
pra alguma coisa aprender:  
no projeto que é traçado  
algum dia há de ter  
pra que se fique parado,



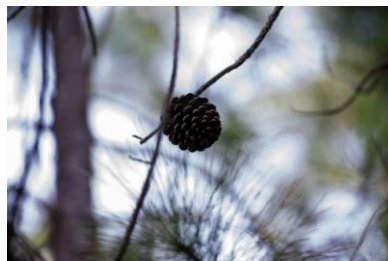
pescar, caminhar, tirar fotos,  
acomodar as bagagens  
aqui também é preciso  
a gente saber viver...

Andando pelos caminhos  
na praia, depois nos matos  
vimos que temos vizinhos...  
Conversamos, pegamos água  
tivemos informação  
do Farol do Bojuru  
que também é conhecido

e se nada acontecer,  
aumenta o tempo remado...  
Se não, conversa não falta  
e não falta o que fazer...  
É conhecer as paragens,



como soubemos depois,  
por nome "Farol Caído"  
na ponta de um juncal,  
as ruínas em uma ilhota...  
Serviço de algum temporal!  
Passamos um dia folgado  
de conversas, estórias, causos...  
Pouco trabalho a fazer.  
Alguns reparos nos barcos  
e a natureza pra ver!  
Ver pegadas, tirar fotos,  
disso não dá pra cansar...  
Um bom papo com Seu Rui,  
Depois com Seu Ilário,  
catarinas pescadores  
que aqui vem veraneiar.  
Assim fomos conhecendo,  
conversando c'os locais  
onde ficam os baixios,  
praia funda, banhadais...  
Sempre falando dos ventos  
e também dos temporais,  
como funciona a Lagoa,





aprendendo sempre mais...

E veio chegando a noite,  
neste baidarra acampamento...

O vento acalmou um pouco,  
e isso foi um alento!

Era prenúncio de um dia  
em tudo bom pra remar!

E fomos cedo pro "berço",  
pois era bom descansar.



Antônio Schuster

## Patos e banho: Resiliência

A intensidade do primeiro dia foi marcante, mas continuar a remar no segundo dia nos era um compromisso moral. Não havia controle. Não havia gerência. Havia a autonomia de cada um dos integrantes em cumprir com o compromisso assumido de remar e concluir um projeto. Sabíamos que cada dia seria uma história.

Por isso, ao compararmos o nosso desempenho no segundo dia de remadas também se pode avançar sobre as competências e habilidades esperadas de cada um dos integrantes do grupo. Ainda tínhamos chão, água, melhor dizendo, pela frente para nos tornarmos uma equipe, mas vontade não nos faltava. E foi essa vontade e esse compromisso autônomo que demonstrou na prática que a principal competência de que dispúnhamos era a resiliência.

Nas organizações atuais, especialmente na área de gestão de pessoas, muito se fala em resiliência. É um





conceito que migrou da física para a psicologia e tem sido apontada como uma das mais importantes competências para os colaboradores do século XXI. Segundo uma escala da FGV a resiliência como competência é composta por outros nove fatores, sendo eles a autoeficácia, a competência social, a empatia, a flexibilidade mental, a tenacidade, a solução de problemas, a proatividade, a temperança e o otimismo. Todos esses fatores puderam ser identificados nos elementos que compunham o grupo, a caminho de se tornar uma equipe.

Encontrar a autoeficácia nas situações descritas é fácil, uma vez que o alcance das metas era resultado direto da capacidade de organização, do planejamento e da execução. Os integrantes da equipe de terra e de água foram proativos ao solucionarem problemas que sequer poderiam imaginar que enfrentariam. "*O imponderável...*", como dizia o Antônio. Não havia espaço para dúvidas e incertezas, porque não havia volta. A única forma de levar os barcos outra vez a Pelotas era remando. A competência social era um fator que nós acreditávamos que já existia nos integrantes da expedição, uma vez que já éramos amigos,

embora nunca tivéssemos convivido durante tanto tempo de forma tão intensa. A rede de apoio e a interdependência entre a equipe de água e de terra era visível, pois não bastava que um alcançasse o resultado, era fundamental que todos que partiram chegassem. Caso um não conseguisse isso representaria a derrota coletiva. Assim, com a interdependência explícita exibir competências como a escuta empática se dava por uma simples questão de objetivos, mas também de respeito. Reforça-se nesse ponto a competência conhecida como empatia que é entendida como a habilidade de compreender o outro a partir dos seus modelos mentais. Em nenhum momento até então da expedição se questionou a pessoa. Em muitos momentos foram discutidas as ações propostas e seus resultados, mas sempre com respeito. Este foi basilar para que a expedição continuasse dando certo, assim como o convívio harmônico entre as pessoas da expedição. A flexibilidade mental foi destacada já no final do primeiro dia e também apareceu na troca de barcos entre os integrantes, assim como na mudança de quem seria o responsável por carregar a cadeira de rodas. Flexibilidade e segurança andaram juntas, além da tolerância e da criatividade. Como não ser tolerante numa expedição em que se convivia 24h por dia com as mesmas



peessoas num ambiente isolado? E a tenacidade estava se mostrando como uma das principais características daqueles que compunham a equipe, pois em várias situações havíamos nos confrontado com situações consideradas adversas. Provavelmente não seriam as últimas... Tenazes e também criativos para resolver problemas. E a proatividade se mostrava como algo constante. Cada um fazia algo para contribuir e fazer com que o processo fosse realizado de forma a alcançar uma melhoria progressiva. O Wagner tratava de armar e desarmar a barraca num instante, além de sempre estar contribuindo para carregar os barcos e os remos. Também estive à disposição para ser cozinheiro, aproveitando outra de suas habilidades. Aproveitava-se a sua juventude e a sua força em diferentes situações. O Antônio sempre trazia as informações e as notícias sobre o tempo e os ventos, além de preparar a canoa. Era a nossa fonte segura de informações e de conhecimento. O Oguener cuidava da revisão diária dos barcos e dos itens de segurança. Fazia jus ao seu conhecimento específico sobre barcos, remos e equipamentos de segurança. Enquanto eu me preocupava

com os itens que seriam levados conosco para atender as necessidades diárias e também o kit extra de sobrevivência. Os dias passavam e nitidamente nos sentíamos cada vez melhor.

A resiliência na física, origem do conceito, é a capacidade que um material exibe de voltar ao seu estado normal após sofrer tensão. Na psicologia, principalmente organizacional, seu conceito se volta para o indivíduo e é entendida como a capacidade que ele tem de trabalhar sob estresse ou sofrer a pressão de situações difíceis, mantendo o controle emocional e psicológico. Por isso, por todas as situações já vividas até então nós nos mostramos resilientes. Voltar a remar no segundo dia depois do sufoco de todos os problemas enfrentados no primeiro? Somente exibindo a capacidade de voltar a forma anterior, típico de pessoas resilientes, em que cada integrante também servia como um elo para conter e repor. A força resultante do conjunto se mostrava maior do que a soma da força dos indivíduos separadamente. Destaque-se que mesmo um material precisa de um tempo para voltar ao seu estado normal após a pressão sofrida, tempo esse que nós tivemos naquele dia de folga que permitiu nossa total recuperação. Física e psicológica.



Além da resiliência e das competências a ela agregadas nesses dois dias também teve papel fundamental a segurança, a prudência e a resistência. Segurança para tomar todas as precauções cabíveis para minimizar as hipóteses de um acidente, como o uso de flutuadores laterais e a presença de coletes salva-vidas em todas as embarcações. Prudência para exibir as atitudes que fazem com que os equipamentos de segurança tenham o seu valor. Não era porque tínhamos equipamentos de segurança que iríamos remar em águas muito agitadas. E a resistência física e psicológica nos deu a garantia de seguir em frente. Depois desses dois dias desistir nem pensar!

Mas uma característica se sobressaiu para que todas as competências pudessem aparecer: o bom humor. Mesmo nas situações mais difíceis em terra ou na água as pessoas nunca perderam de vista o bom humor. No início, durante e ao final do dia sempre se fazia questão de lembrar que se não fosse para ser divertido nós não estaríamos na expedição. Essa consciência fazia com que os problemas se tornassem mais leves. Nem por isso a produtividade caiu. A

meta diária sempre estava em nossas mentes como uma composição fundamental para se alcançar o objetivo final.

## De boa na lagoa! Fatos

Domingo pela manhã mais uma vez olhei pela porta da barraca. A beleza da natureza se renova mesmo quando se repete. Eu estava no mesmo lugar olhando para a mesma paisagem do dia anterior, mas eu a via diferente. Ou era eu que estava diferente? É um fenômeno incrível! Apreciava a paisagem, mas também estava de olho nas marolas que continuavam fortes na lagoa. Daquele jeito nada de remar outro dia. Durante o café conversávamos sobre o que se poderia fazer. O Antônio que já havia conversado com alguns moradores locais convidou o Oguener e saíram mais uma vez.

Dali uma hora voltaram. A informação era a de que nós observássemos as marolas e o vento e quando este acalmasse um pouco nós deveríamos sair, mesmo que as condições não fossem as ideais. Isso porque se nós

remássemos por uns dois ou três quilômetros naquelas condições alcançaríamos uma outra baía da lagoa que estava com as águas calmas. Era um risco, pequeno e calculado, que acreditávamos que valeria a pena. Ficamos a espreita. Por volta das 10h o vento amainou um pouco e as marolas também. Uma das características da lagoa é que ela sofre as influências do vento quase que imediatamente, diferente das águas do mar. Colocamos os barcos na água. A cadeira de rodas mais uma vez no barco do Oguener. Saímos.

As margens da lagoa um grupo de pessoa nos saudava. Acenavam suas mãos e nos davam os parabéns! Estavam felizes e nos transmitiam felicidade. Sentimo-nos orgulhosos. Foi de muito valor aquele incentivo despretenso. Eles jamais saberão quanta energia boa nos transmitiram com aquele simples gesto de nos saudar sem nada esperar em troca. Foi muito bacana! Eram moradores de um cidadezinha das redondezas. Eles souberam da nossa expedição pelos pescadores que nos viram no primeiro dia. Tomaram o seu tempo e foram nos ver passar...

As ondas nos sacolejavam. Era difícil de remar com os barcos de palamenta dupla. Cada vez que se recuava o remo para preparar a remada enroscava-se a pá nas águas o





que fazia com que ela não saísse a contento. Além disso esse movimento machucava as mãos, fazendo com que mais e mais bolhas se formassem. Mesmo assim nos mantivemos remando. Mil metros adiante tivemos que parar para tirar a água que enchia os barcos do Oguener e o meu. Recomeçamos a remar nas mesmas péssimas condições. Outros mil metros e, de um momento a outro, como num passe de mágica a lagoa mostrava sua face mansa. Não havia sinal de onda ou marola a nossa frente. Águas rasas e calmas. Paramos mais uma vez, esvaziamos os barcos, pois dali para a frente não se faria esse trabalho de novo. Pelo menos por enquanto...

Estávamos agora numa região ainda intocada. A vegetação nativa sem nunca ter sofrido a intervenção humana fazia com que lembrássemos os milhões e milhões de anos que aquela paisagem se repetia. As dunas se movendo pela força dos ventos. As figueiras se renovando geração após geração. Os patos selvagens nadando tranquilamente pelas águas nem se dando conta que estavam ao lado do mais perigoso predador da sua espécie

que a natureza havia criado... Uma foto da paisagem. Outra foto das figueiras centenárias.

Depois seguimos em direção a ponta da baía onde tínhamos a expectativa de encontrar outro farol. Remamos, descansamos e aproveitamos o cenário. Cisnes, patos, peixes saltando, vegetação nativa... era a natureza mostrando todo seu esplendor na Lagoa dos Patos. Era isso que também buscávamos enquanto nos preparávamos para cumprir com o desafio. Belezas e maravilhas naturais! Por volta das 18h encontramos as ruínas onde uma vez existiu um farol. O local agora era conhecido como o farol caído. Próximo vimos uma família de pescadores acampados. Nos aproximamos e pudemos mais uma vez confirmar a polidez e a hospitalidade da população nativa da costa leste da lagoa. Conversamos, obtivemos informações sobre o vento, o tempo, a lagoa e o seu humor. Por fim, fomos brindados com três tainhas para a janta. O pescador ainda fez um comentário, *"Essa lagoa é incrível! Onde mais eu veria uma cadeira de rodas num canoe navegando por aí?"* E deu uma gargalhada.

Voltamos a remar, pois ainda teríamos um belo trecho até encontrarmos nossos amigos de terra. As águas calmas e a ausência de vento fizeram com que a remada



fosse prazerosa. Cruzamos pela região conhecida como Barra Falsa. Uma larga extensão de água em que tínhamos que remar longe da margem. Mas as águas estavam tão calmas e tranquilas, refletindo como um espelho. Parecia água de bacia.

Logo adiante seria o nosso ponto de encontro. O Wagner perguntou, "*Quanto tempo de sol ainda temos?*" Eu respondi, "*Uns 40 minutos...*" Apertamos a remada. Imprimimos um ritmo de competição por cerca trinta minutos. A remada rendia. O exercício físico realizado no limite do corpo também gerava prazer. Sentir cada músculo do próprio corpo e ver o resultado no movimento suave, mas firme e constante dos barcos era aprazível. Estávamos quase chegando ao local do próximo acampamento quando ocorreu algo que nos fez parar. Parecia que havíamos combinado porque fomos diminuindo as remadas até que todos se detiveram. Nós olhávamos para a linha do horizonte na lagoa onde víamos uma profusão de cores e contrastes entre sol, céu, nuvens e água. Pássaros em suas viagens migratórias também enfeitavam o horizonte. Aquele dia, aquela imagem e aquele momento em

companhia de meus três amigos de expedição ficarão na minha memória por muito tempo como o mais belo por do sol que eu já vi. Inexplicável em palavras, vídeos ou fotos. Simplesmente especial! A impressão foi compartilhada por todos. Era isso que também estávamos procurando na lagoa. O Antônio se emocionou. O Wagner suspirava extasiado. O Oguener continuava impressionado. Eu olhava o por do sol e também os meus amigos e estava agradecido por viver aquele momento. Fizemos um agradecimento em voz alta. Foi um privilégio! Foi mágico! Em seguida, ao olharmos novamente para a terra vimos o Vicente Filho, um dos integrantes do grupo de terra, acenando as mãos freneticamente sobre uma duna. Ouvimos os foguetes confirmando que mais uma vez cumpríamos com nossa meta. Mais adiante a kombi branca com a lona amarela. Era o acampamento que representava o nosso lar, a nossa busca diária. Era o aconchego caracterizado pelo calor humano que sabíamos ali encontrar. O terceiro dia do nosso desafio terminava dando-nos a certeza de que nada mais nos deteria. Nem mesmo o caso de não concluirmos o trajeto proposto de 220km poderia ser considerado uma derrota. Já havíamos conquistado muito mais do que poderíamos



imaginar até então. Agora sim éramos uma equipe que confiava e gerava confiança.

Naquela noite comemos as três tainhas recebidas do pescador acompanhadas por algumas traíras pescadas pela equipe de terra no local onde estávamos acampados. Fomos dormir por volta de meia-noite completamente enlevados.

## De boa na lagoa! Poesia e fotos



Foi só um dia parados...  
que saudade de remar!  
Depois de tirar a kombi  
d'um atoleiro na praia  
e os barcos carregar,  
começamos a jornada...  
muito havia a navegar!

De um povoado aqui perto,  
havia pessoas chegando...  
tinham ouvido de um grupo  
que iria passar - remando!  
E além do pessoal do Rastro,  
esse povo acenando  
deu-nos a grande esperança  
de um dia em tudo especial...





e de novo a gente não via,  
na distância se escondia  
mais uma história, um farol...



Do seu Rui a informação  
- São apenas dois mil metros  
de onda, depois acalma...  
e lá na ponta do mato  
o vento fica em revessa.  
Daí em diante é fácil...  
amigos então...vamos nessa!  
Remamos uns dois mil metros  
e realmente acalmou.  
Entramos então num trecho  
dos muitos que há de ter:  
mata nativa e praias  
das mais lindas de se ver!  
Da água se via o fundo,  
barcos andando "na boa"...  
a nenhum lugar no mundo  
se compara esta Lagoa!



Dia mui quente, de sol,  
com boa visibilidade  
e por muito nós remamos  
sem nunca ver o farol...  
Depois da praia, juncal  
remando a noroeste  
e enfim chegamos a ponta,  
com uma pequena ilha...  
só bem de perto nós vimos  
na sombra de um umbu  
algumas ruínas de pedra  
do farol do Bojuru!  
Remamos em torno da ilha,  
saímos rumando ao sul,  
não havia nenhum vento...  
essa era nossa rota  
pro próximo acampamento...  
Vimos pessoas na praia,  
paramos pra perguntar  
onde fica a Barra Falsa...  
lá teremos que passar.  
Quem nos deu a informação  
foi seu Paulo, pescador,





que ali estava acampado  
a dois meses - que saudade!  
e junto com o seu filho  
ensinou hospitalidade...  
Depois de uma conversa  
do tempo, e da pescaria  
que agora está pior,  
disse o guri "- a tainha,  
pai, pega a maior..."  
e ganhamos do seu Paulo  
três tainhas grandes, lindas!  
Quem não conhece, estranha  
Que coisa assim aconteça,  
Na lógica simples dele  
dando também se ganha...



Remamos mais um bocado,  
chegamos à Barra Falsa  
trecho longo, água aberta,  
se vento houvesse seria  
com certeza uma "pedreira"

mas vamos no rumo certo  
de uma granja ali perto,  
do seu Carlinhos Ferreira!  
Algumas nuvens no céu,  
a tarde ia caindo...

Já íamos procurando  
a entrada do canal...  
mas a surpresa nos veio  
do jeito que entrava o Sol...  
aos poucos fomos parando  
de remar, maravilhados...  
a natureza de um lado  
em todo seu esplendor  
e na margem, acenando  
o Vicente, pela taipa!

Estávamos presenciando  
o mais lindo por do sol  
e ao mesmo tempo chegando...  
ao ponto de nossa guarida...  
É possível um por do sol  
dar novo rumo a uma vida?



Acampamento montado  
do lado de uma bolanta...  
tainha assada e traíra  
reforçaram nossa janta!  
Muita prosa, muitos causos,  
um bom banho no canal...  
completaram esse dia,  
o dia do por do sol...  
Cansados porém felizes  
fomos dormir logo após...  
amanhã nós passaremos  
pela Ponta dos Lençóis!



Antônio Schuster

## De boa na lagoa! Fluxo - produtividade e competitividade sem competição

O terceiro dia de remadas foi especial em todos os sentidos. Nele a equipe se revelou em sua plenitude, pois havíamos deixado de ser um grupo. Neste dia se pode identificar o comprometimento, o desempenho competitivo sem competição, a emoção, o estado de fluxo e o sentimento de equipe.

O comprometimento se mostrava como algo natural dos integrantes da expedição. Essa talvez tenha sido uma atitude já identificada durante todo o período de concepção, planejamento e treinamentos realizados. A expedição em si somente ratificava algo que praticamente tínhamos a certeza de existir em cada um, o compromisso individual e



a capacidade de contribuição para o grupo. Foi assim que nos tornamos uma equipe.

Muitas vezes, numa organização, as pessoas ficam a ela ligadas por motivos afetivos, normativos ou instrumentais, segundo os estudos sobre comprometimento. Na dimensão afetiva está o envolvimento que cada um tem com a organização da qual participa, demonstrando o desejo de nela permanecer. Uma decisão de vontade própria. Na dimensão normativa revela-se um sentimento de obrigação de permanecer em determinada organização, sentindo um dever moral de ali estar. Por fim, na dimensão instrumental as pessoas permanecem ligadas as organizações porque não tem outra alternativa, sentindo que haveria um custo muito alto para dela se desligar.

Logicamente que os estudos sobre comprometimento são muito mais amplos e aprofundados e aqui somente se faz um paralelo ligeiro sobre o tema aproveitando a analogia possível. Ninguém da equipe estava ligado a expedição segundo a dimensão instrumental. Nenhuma pessoa da equipe de terra e da equipe de água estava participando do projeto porque não

tinha outra alternativa ou teria custos muito altos para ali não estar. Justamente o contrário. Todos tinham custos financeiros para poder participar da expedição, mas que eram considerados relativamente baixos em contrapartida com os ganhos obtidos com a presença. A ligação de todos se dava quase que exclusivamente na dimensão afetiva, pois havia sido uma construção conjunta. Os laços que uniam os integrantes do grupo podiam avançar em algum nível para a dimensão normativa, pois também já passávamos a sentir a obrigação moral para com os demais integrantes. O nível de comprometimento dos integrantes da equipe de água e de terra era extremamente salutar para produzir alto desempenho.

O alto desempenho se revelava nas situações mais simples, por meio de iniciativas e soluções encontradas para os problemas mais inusitados. O espírito colaborativo demonstrado sempre que surgia um contratempo se sobrepunha aos interesses individuais. Quando o carrinho, assento do remador, do canoe remado pelo Oguener começou a ranger dificultando o movimento a solução surgiu no kit de primeiros socorros que nos acompanhava. O trilho onde o carrinho deslizava para frente e para trás perdeu a oleosidade em função do constante contato com a



água. Não tínhamos óleo ou graxa no kit de ferramentas, mas na farmácia tínhamos pomada vaselina. Estranho, não é? Coisas da enfermeira Fernanda que fez a lista da caixa de primeiros-socorros e nos indicou que levássemos vaselina que seria ótimo para eventuais queimaduras, fossem elas de sol ou de outra origem. Assim, a criatividade presente em indivíduos comprometidos com o desempenho de todos fez com que ela tivesse outra aplicação. Aplicamos vaselina no trilho e o carrinho passou a deslizar perfeitamente.

O desempenho também pode ser confirmado naquele dia. Apesar de começarmos a remar um pouco mais tarde do que o programado e termos enfrentado dificuldades no início tivemos um dia normal. Não estávamos em nenhuma competição, mas apresentamos desempenho de uma equipe competitiva. Há nesse ponto uma diferença fundamental que é dada pela autonomia de cada um estar ali porque era o local que realmente queria estar. De estar fazendo o que escolheu fazer. De buscar algo que foi uma opção voluntária. Essa autonomia nos fazia perseguir a excelência. Buscávamos a excelência no relacionamento, nas atitudes e no desempenho.

A busca pela excelência se manifestava no desejo de ser cada vez melhor naquilo que estávamos fazendo e que nos era relevante. Esse desejo gerava o empenho natural. Foi a busca constante da excelência com a autonomia que permitiu que concluíssemos a meta proposta para aquele dia em verdadeiro estado de fluxo.

Entenda-se estado de fluxo como aquele em que nós concluímos a nossa jornada neste dia. Vínhamos imersos e completamente absortos na atividade, sentindo o alto desempenho resultante do nosso esforço. Naquele momento identificamos um estado de experiência ótima em que simplesmente nos esquecemos de todo o resto, mas ao mesmo tempo estávamos conscientes da busca pela excelência nos movimentos que executávamos.

Entretanto, não é o estado de fluxo que garante a excelência, mas a busca pela excelência que pode nos levar ao estado de fluxo. Nas organizações as pessoas devem buscar esse estado. Viver de modo tão arrebatado o momento que se sintam totalmente tomado por ele. As pessoas que conseguem atingir tal grau de envolvimento com a sua atividade serão naturalmente produtivas. As organizações que conseguirem pessoas que trabalhem em estado de fluxo serão objetivamente competitivas.





Foi ao final desse momento que também tivemos a experiência plena da emoção, importante e fundamental para que se possa vislumbrar o propósito. Entendo que somente se pode perseguir a excelência fazendo melhor aquilo que se faz ao se somar as experiências facultadas quando se faz o que deve ser feito porque se tem autonomia para fazê-lo. Autonomia é uma opção e a busca pela excelência uma constante. As duas se manifestam quando se consegue atrelar os próprios desejos a uma causa maior que se chama de propósito. Nós tínhamos um propósito, por isso a emoção.

A emoção sentida naquele final de tarde descrito também marcou a certeza de que havíamos evoluído de um grupo de amigos para uma equipe. Incluíam-se na ideia de equipe todas as descrições e conceitos por trás da palavra. Pode-se dizer que as equipes de terra e de água eram um time. Um time que tinha comprometimento e alto desempenho ao mesmo tempo que exibia traços de ludicidade e criatividade.

Nós estávamos seguros disso. Já não se tratava da equipe de água e da equipe de terra. Éramos o time da

Expedição Remar é Preciso! Viver é Diversidade! em que a força do conjunto se sobrepunha a soma das forças dos indivíduos.



## Banho de chuva! Fatos

Já não sentíamos mais a pressão da cobrança que nos havíamos imposto de concluir o desafio. Por isso levantamos por volta das 8h. Caso não finalizássemos a expedição por algum problema de equipamento, climático ou mesmo se desistíssemos já nos sentíamos realizados. Havíamos feito, cumprido e construído muito mais do que poderíamos imaginar enquanto planejávamos a expedição. Aventuras, imagens, paisagens, companheirismo e amizade. Nada apagaria ou pagaria essa experiência. Havíamos alcançado um estado de espírito em que as coisas aconteciam naturalmente. Isso não queria dizer que não soubéssemos das responsabilidades assumidas por livre e espontânea vontade. Outra vez 40km nos separavam do

nosso próximo acampamento. Tínhamos uma dura jornada pela frente.

Assim, saímos às 9h para nosso quarto dia. No início tínhamos um pouco de vento contra, o que tornava a remada mais pesada.

Novamente eu havia saído um pouco na frente, uma vez que era o mais lento. Mas a canoa estava demorando demais para se aproximar. Diminuí o ritmo e vi o Antônio e o Wagner um pouco cansados e com baixo rendimento. Eles já haviam comentado entre si que parecia que a canoa estava deslizando bem, apesar da força que faziam. Depois de mais um tempo resolveram parar. As águas eram rasas o que permitiu que eles desembarcassem sem mesmo encostar na margem. Revisaram o leme e encontraram um chumaço de algas agarradas a ele que fazia com que o rendimento fosse muito inferior ao normal. Retiradas as algas tudo voltou a ser como deveria.

As águas naquela região eram muito rasas. Na maior parte do tempo os dois integrantes da canoa remavam orientando-nos, os remadores dos canoes, para que evitássemos os baixios que fariam com que encalhássemos na areia, podendo quebrar a bolina. Esta, uma peça fixa, semelhante ao leme, que fica submersa no final da popa e



que dá estabilidade e direção ao barco. Assim, aproveitamos para visualizar as belezas das algas e outros tipos de vegetação aquática, além de acompanhar os inúmeros cardumes de diferentes espécies de peixes. Na grande maioria pequenos, mas vez por outra tinha-se o privilégio de ver alguns maiores.

O vento, apesar de fraco, continuava contra. Isso significava maior gasto de energia e menor rendimento. Fizemos as paradas programadas a cada uma hora e meia. Já estávamos no nosso último quarto de tempo de remada. Ao longe vimos um temporal se armar. Brincávamos que isso ainda nos faltava. Já havíamos remado com e sem sol, com e sem vento, com vento contra e a favor, de madrugada, de dia e de noite, mas ainda não havíamos remado com chuva. Víamos as nuvens escuras se movendo na linha do horizonte. Elas se deslocavam vindas do sul em direção ao oceano. Via-se que era chuva forte, conforme nos foi confirmado dias depois quando retornamos a casa. Naquele dia houve chuva, vento e tempestade entre Pelotas e Rio Grande. Muitos estragos... Mas nós não sabíamos disso.

Nós estávamos na expectativa de que pudéssemos remar na chuva, uma vez que fazia um calor infernal. Apesar da ausência de raios solares o mormaço e a umidade faziam com que suássemos muito porque também o esforço para manter o rendimento estava sendo maior. O vento continuava contra e nós continuávamos na torcida para que chovesse. Mais um tempo, o vento parou e a chuva começou. De início algumas gotas. Em seguida a chuva se tornou torrencial e foi saudada com alegria, entre risos e gargalhadas. Naquele momento me senti um menino que brincava na chuva. A sensação de gratidão e alegria era imensa. A chuva fria amenizava o calor. Continuamos assim por algum tempo.

Já era chegada a hora de encontrar o pessoal de terra, mas nem sinal deles. Desde o início do planejamento sabíamos que essa era uma hipótese bastante provável de acontecer. Não havia sinal de celular. Naquele dia não vimos moradores ou pescadores. Vimos tão somente a água, as margens, a vegetação e a natureza no seu ritmo constante sem nenhuma preocupação com o tempo, uma invenção bem humana. Tudo bem... Será que seria hoje que não teríamos o aconchego do acampamento? Não teríamos uma comida quente? Certamente nos faria falta. A chuva



não dava tréguas. Paramos e olhamos no GPS... Desta vez ele estava conosco. O ponto marcado já havia sido ultrapassado e não havíamos visto ninguém. *"Caramba", pensávamos, "justamente num dia de chuva teremos que acampar sozinhos e sem o apoio do pessoal de terra..."*. Sempre levávamos conosco barracas, uma muda de roupa seca, mantimentos para o dia e para um dia extra. Também tínhamos a nossa caixa de primeiros-socorros. Remamos por mais um tempo. Estávamos meio acabrunhados com a perspectiva que nos aguardava de uma noite chuvosa e úmida.

O calor fora substituído por uma temperatura amena. Nós não sentíamos frio, mas sabíamos que no momento em que parássemos de remar ele viria. Estávamos completamente ensopados. De repente ficamos numa estreita faixa de água entre a margem e um areal lagoa adentro. Estávamos remando em águas muito rasas, claras e transparentes. A areia branca na margem e a grama mais acima. Fazendas de gado. A cada quilômetro que remávamos a mais sabíamos que era uma distância a menos

para o dia seguinte. Mas já estávamos cansados. Necessitávamos de descanso.

A chuva parara por completo. A lagoa também. Não havia uma marolinha sequer, ela estava um espelho. Não se ouvia nenhum tipo de ruído vindo dela. Esticávamos o nosso olhar pela margem para vislumbrar a kombi. Nada. Ao longe ouvimos... *Bang, bang, bang!!!* Isso são foguetes... Eram eles!!! Lá estava aquela maravilhosa kombi branca. Estranho que não a havíamos visto antes... Tampouco havíamos visto a lona amarela...

Logo que encostamos os barcos o Vicente Pai se aproximou dando-nos a notícia, *"Nós chegamos agora. Ficamos atolados para tentar entrar no lugar marcado. Tivemos que voltar e foi daí que encontramos um pescador que também é marinheiro. Foi ele que nos indicou este lugar. E o melhor de tudo, ele nos ofereceu a sua casa para pernoitar!!!"* Foi uma sensação incrível. Nós que pensávamos que dormiríamos ao relento agora teríamos o prazer de dormir numa casa depois de quase uma semana dormindo em barracas. O universo estava conspirando a favor.

A casa oferecida era pequena e simples. Uma casa de madeira e chão batido que somente é usada nos períodos





de pesca liberada na lagoa. Como ainda não era o caso eles a ofereceram gentilmente para a nossa equipe. Mérito total do pessoal de terra que sempre conversava com as pessoas do local. Muitas delas vivem completamente isoladas. Para elas, aparecer alguém que não é das redondezas é uma raridade. São simplesmente fantásticos em termos de hospitalidade! Abriram a casa e ligaram a chave de luz. Naquela noite não seria necessário acender o lampião do Antônio, embora o tenhamos feito para não perder o costume... Dava-nos a sensação de calor.

Trocamos de roupa. Nos agasalhamos porque passado o calor da remada o frio chegou. Tomamos um café quente e formamos uma roda de bate-papo. O Wagner tratou de fazer a janta, dando folga para o Vicente Pai, cozinheiro oficial. Saiu uma macarronada com molho pesto e sardinha digno de um restaurante cinco estrelas. A conversa fluía naturalmente. O Gustavo, estrategicamente ligou a câmera e começou a gravar. Nós percebemos, mas não ficamos intimidados por ela como muitas vezes ficávamos. Normalmente geraria um sentimento estranho. Parece que você deixa de ser você ao se sentir filmado. A

rodinha de conversa continuou animada. Era o Antônio contando suas aventuras com uma kombi pelo interior da Paraná. Era o Oguener falando com o entusiasmo de sempre sobre o remo. Era eu falando de algumas situações ridículas já vividas como usuário de cadeira de rodas. Até o Wagner, que até então não se pronunciara, começou a falar. O Amauri não se sabia por onde andava. Certamente fotografando alguma lagartixa e lembrando do sapo amazônico mortal. O Vicente Filho estava ocupado em armar a sua barraca na varanda da casa. Não lembro o motivo, mas ele dormiu do lado de fora. Naquele dia, uma cena hilária deixou sua marca.

O Vicente Pai havia ido até a praia tomar um banho, coisa que o Gustavo não fazia há dias. Parece que ele tem uma certa aversão... Mas nós estávamos num acampamento só de homens. Realmente tenho que concordar com muitas mulheres que acreditam que os homens são uns bichos sem noção. É, acho que é verdade... Nós ali naquela animação com a câmera filmando o grupo. De repente entra na casa o Vicente Pai assim como veio ao mundo, abriu os braços e ficou ali, parado, olhando-nos. Não havia se dado conta que estava sendo filmado. Logo desandou num palavrório que ninguém ouviu. Nós não estávamos somente surdos...



Também ficamos mudos com a cena, já que sabíamos que ele estava no ângulo da filmadora. Depois de um breve silêncio caímos na gargalhada sem que o Vicente Pai soubesse por que. O Gustavo lhe explicou que qualquer cinquentão faria com que as imagens desaparecessem...

Depois da janta o bate-papo seguiu animado por um tempo. Em seguida perdeu vigor e o cansaço nos alcançou de vez. Neste dia a lona amarela foi estendida naquele chão batido. Cada um arrumou a sua cama e se recolheu. As luzes foram apagadas. Não sei porque o Amauri, o Gustavo e o Vicente Pai fizeram questão de armar a barraca dentro da casa. Deveriam ter lá os seus motivos... Alguns minutos mais e já se ouviam os roncos. O Wagner, sonâmbulo que é, não parou de remar. Começou a caminhar pelos cantos da casa dizendo, *Olha, nós somos remadores temos que continuar...* entre outras frases ininteligíveis. Como já o conheço bem tentava puxar conversa dizendo que nós continuaríamos e que ele poderia se deitar. Antes disso ele tropeçou num pedaço de madeira para quem pediu mil e uma desculpas. Passado o episódio dormimos feito anjos

escutando a chuva no telhado e o vento assobiando a noite inteira.

Que noite maravilhosa!

## Banho de chuva! Poesia e fotos

Desde a primeira remada,  
praias lindas, muita sombra...  
porém o pinus reinava...  
e nesse tipo de mato  
pouco bicho se criava...  
Forma um tipo de deserto,  
verde, porém vazio,  
como uma praga, de fato.  
Trechos de mata nativa,  
bem mais lindos e diversos,  
que molduravam a praia,  
eram pouco mais dispersos.



Agora aqui na granja,  
com banhados e juncais,  
além da bela lagoa  
também há muitos canais...  
assim, nesse outro ambiente  
a fauna faz uma festa!  
três potes, carão, tahãs,  
coruja, anu, jaçanã,  
garças brancas, gaivotas,  
garças mouras e biguás...  
até um zorro matreiro  
veio a noite visitar...  
Dos bichos a sinfonia  
ao clarear nos acordou...  
um café bem reforçado,  
pra iniciar bem o dia,  
cada barco carregado...  
e a remada começou!  
Nesta costa diferente,  
sempre com muito junco,  
pouca praia, pouco mato,  
meio rasa e sem vento,





a canoa não "rendia" ...  
mesmo remando a contento.  
percebemos, num baixio,  
o que causava o problema:  
um ramo grande, folhudo,  
preso ao leme, arrastava...



Seguiu a remada, tranquila  
mas a calmaria anunciava...  
nuvens pesadas a oeste...  
era a chuva que chegava!  
Já remamos dia calmo,  
com vento e de madrugada,  
sol a pino e de noite  
e agora na chuvarada!  
Nada para reclamar...  
tava quente e ademais  
todos ali estavam  
bem onde queriam estar!



Bem cedo chegamos ao ponto  
de armar acampamento  
mas a gurizada do Rastro  
tinha outro pensamento...  
Procurando pela estrada  
falaram com um marinheiro,  
que ofereceu seu galpão...  
êta sorte, que beleza!  
pra quem chegava molhado  
isso era uma visão!  
roupas secando no arame  
bem instalados, tranquilos,  
era só matar a fome...  
Wagner foi pra cozinha,  
e entre risos e causos...  
velha massa com  
sardinha!  
Uma noite bem abrigada  
é sempre fundamental  
principalmente se chove  
e a canseira é geral...



Nem armamos as  
barracas,  
colchonetes pelo chão,  
e só pra aquecer um  
pouquito  
acendemos o lampião.  
O sono foi se chegando,  
o pessoal se acomodando,  
foi silenciando o galpão...

Antônio Schuster





## Banho de chuva! Excelência e metas

Mais um dia completado alcançando as metas que nos havíamos proposto. A produtividade sem aquele sentido de controle tão comum nas organizações continuava se mantendo. O desempenho estava cada vez melhor, porque conseguíamos realizar o percurso programado cada vez em menos tempo. O prazer sentido em realizar a atividade nos gerava cada vez mais a sensação de estado de fluxo.

Aquele estado mental do final do terceiro dia se repetira ao final do quarto dia. Começávamos a acreditar que estávamos alcançando a excelência. A nossa motivação continuava em alta e havíamos encontrado um ponto ideal entre a tarefa diária continuar sendo desafiadora, sem

contundo ser esgotadora. Uma das leis da excelência é encontrar um estado mental em que aquilo em que acreditamos dá vida aquilo que conquistamos. E nós prezávamos não somente as metas de resultado, mas principalmente nos gerava prazer as metas de aprendizagem sendo o esforço o caminho para que pudéssemos melhorar diariamente.

Também acreditávamos que a lei de que a excelência é dolorosa era cumprida todos os dias, porque a tarefa que nos propúnhamos se equilibrava entre o esforço exigido para completá-la e o prazer sentido ao saber que era possível. Nós já havíamos passado por diferentes tipos de provas. Dores físicas e emocionais. Resistência, persistência e a resiliência já haviam sido exibidas por todos os integrantes da equipe em diferentes situações. A chuva poderia ser um fator dificultador para remar? Claro que sim, porque ao molhar as mãos perde-se um pouco da sensibilidade para manejar o remo com maior precisão. Mas certamente não seria isso que consideraríamos um empecilho. Para nós, naquele momento, foi diversão. Nós estávamos nos sentindo competentes!

Entretanto, nós não conhecíamos a terceira lei da excelência...



## As dificuldades educam: Fatos

Na manhã seguinte acordamos e lembramos que já havíamos remado 160km. *Caramba, isso é fantástico!!!* Essa constatação nos gerou uma sensação de autoconfiança impressionante. Beirava a arrogância. Despedimo-nos da equipe de terra com a certeza de que os encontraríamos ao final do dia. O que poderia nos impedir de remar 40km?

Começamos a remar com um suave vento contra. Diferentes paisagens. O mesmo prazer de remar. Cada vez mais e mais víamos as tainhas saltando da água. Aproximávamo-nos de uma região em que a água da Lagoa dos Patos costuma ficar salgada. A paisagem muda. A cor da água também.

Cumprimos a primeira hora e meia de remadas do dia. Descansamos um pouco. Estávamos percorrendo o último trecho daquela longa costa da lagoa em linha reta. Ao final chegaríamos a uma encruzilhada. Caso o vento nos favorecesse poderíamos eliminar o contorno de uma baía cruzando-a diretamente até a outra margem. Caso contrário teríamos um longo caminho pela frente.

Chegamos até a dita encruzilhada. Olhávamos em frente e víamos a costa do outro lado da baía. Eram apenas quatro quilômetros que nos separavam... Mas o vento nesse momento já era muito forte e seguia crescendo. Não poderíamos nos arriscar a nos afastar da costa. Teríamos que dar toda a volta na baía o que ensejava em remar como se estivéssemos voltando para o ponto de partida. Fazer o que? Poderíamos ficar ali acampados e esperar até que o vento amainasse. Mas até quando? Assim, a nossa escolha foi a de contornar a baía o que implicaria em aumentar o percurso em oito quilômetros. Entramos na baía e o vento soprava contra. Cada vez mais forte. Chegava a ser irritante. A cada remada que eu dava o barco parava. A cada remada era como se tivesse que começar tudo de novo. Mover todo o peso do barco a partir do ponto de inércia ensejava um esforço tremendo. No tempo em que sem



vento fazíamos um quilômetro fazíamos agora no máximo 500m com o dobro do esforço físico. Rapidamente a minha autoconfiança se transformou em impaciência. O Oguener conseguia manter um rendimento melhor, já que remava usando as pernas, o tronco e os braços. O Antônio e o Wagner também mantinham um bom deslocamento porque a canoa não sofria tanto o impacto do vento contra.

A minha vontade de desistir ou de simplesmente parar era enorme. Mas desistir como? Mentalmente eu me alimentava de uma música dos Engenheiros do Hawaí que diz, *"Não vim até aqui para desistir agora..."* Não tínhamos alternativa. Era remar ou remar. Remar agora era preciso não somente pela sua precisão, mas por necessidade. Naquele momento parar de remar não significava estacionar. Significava voltar. O tempo não passava. As remadas não rendiam nada além de dor, que se tornava insuportável. As mãos calejadas começavam a sangrar.

Uma hora inteira nessas condições. A linha do horizonte que se afastava tão rapidamente em condições normais agora estava parada. Eu não conseguia sentir prazer naquele movimento. Para onde havia ido a diversão?

O que poderia nos impedir de alcançar a meta? Nesse momento já se podia vislumbrar uma resposta, *O imponderável...* diria o Antônio. Também irritava-me o fato de que tudo o que estávamos remando nessas duras condições talvez fosse em vão, porque se as águas estivessem calmas já estaríamos onde queríamos estar. Seriam oito quilômetros a mais do que fora programado. Mas desde o início sabíamos que isso poderia acontecer como de fato aconteceu. Poderia não ter sido exatamente programado, mas fazer o contorno que estávamos fazendo fora previsto.

Sequer o fato de que uma tainha saltara dentro da canoa do Antônio e do Wagner me deu ânimo. Vi o exato instante em que ela saltou da água, bateu no peito do Antônio e caiu na parte de trás da canoa. Ouvi o Wagner gritar, *Pega, pega...* e pude ver o movimento rápido do braço esquerdo do Antônio para trás e para frente trazendo junto com ele a tainha para dentro da canoa. Peixe fresco para a janta...

Mais trinta minutos se haviam passado e nós, principalmente eu, na esperança de que o vento diminuísse. Mas era somente esperança. Confesso que não desisti não pela minha força, mas pela falta de opção em fazê-lo e pelo



comprometimento com os meus amigos de expedição. Apesar de tentar buscar a força mental com algumas estratégias, como aquela de lembrar da música, isso produzia um efeito passageiro. Lembrava também que eu ali estava porque havia sido minha opção. Ninguém me obrigara a participar da expedição. Porém, em segundos toda a convicção buscada nesses pensamentos se esvaíam. Olhava os meus amigos com alguma dificuldade, mas, aparentemente, estavam bem se comparados a mim. Ainda sorriam e brincavam. Sabiam que a jornada estava rendendo pouco, mas pelo menos não demonstravam toda a agonia que eu sentia. Também eu tentava não revelar, mas estava evidente o meu desgaste físico e mental. Ainda não sei exatamente o que pensar desse momento crucial da expedição. Foi o momento mais difícil para mim. A falta de opções pode ser positiva? Ter opções faz com que sejamos menos persistentes? Pode ser...

Depois de mais de duas horas de remadas pouco produtivas resolvemos parar num contorno da baía em que avistamos algumas casas de pescadores. Tomamos água,

fizemos um lanche e conversamos com os moradores, sempre solícitos e simpáticos.

E o vento continuava soprando. Voltamos a remar por mais de uma hora nas mesmas duras condições. Enfim parecia que o vento diminuía um pouco. O Antônio disse, *"Depois daquela curva o vento soprará na nossa lateral. Será mais fácil..."* Lá fomos nós em busca da curva que a mim parecia que insistia em se afastar. Remada após remada numa rotina de esforço constante... Finalmente chegamos a dita curva. O vento mudou. Passou a nos empurrar. As mãos estavam horríveis, mas o ânimo havia voltado. O desempenho também. Segundo nossos cálculos faltaria mais uma hora e meia para alcançarmos a kombi.

Paramos mais uma vez. Descansamos e refiz alguns curativos nas mãos. Naquela zona remávamos com todo o cuidado porque ela estava cheia de estacas que serviam para prender as redes dos pescadores. Estávamos numa das maiores áreas de pesca de camarão. *"Era um paliteiro..."*, dizia o Oguener. Seria muito fácil bater numa estaca daquelas e danificar um barco. Mais fácil ainda seria enroscar num toco de alguma estaca quebrada. Elas estavam a flor da água e poderiam provocar um estrago





tremendo no casco ou mesmo nos remos. Por isso, todo cuidado era pouco.

Uma hora e meia depois... dito e feito. Vimos ao longe a kombi e também a lona amarela. Ouvimos foguetes. A alegria era contagiante, porque depois dessa noite nos restariam os últimos quarenta quilômetros. Algo inimaginável lá no início do desafio, principalmente após o susto do primeiro dia.

Na realidade este havia sido o dia mais duro para mim. Aquelas horas todas contornando uma baía que alongara o nosso caminho em oito quilômetros sempre com vento contra me deixou apavorado. O esforço feito e o resultado pouco expressivo era deprimente. A autoconfiança exacerbada exibida no início do dia fora castigada. A arrogância pode provocar a derrota. Apesar de tudo havíamos chegado.

Um diazinho só nos separava do nosso destino.

## As dificuldades educam: Poesia e fotos

Do galpão do marinhoiro  
nós saímos, de manhã.  
Café reforçado, granola  
com proteína e água...  
- Agora não tem marola...  
Dá pra remar sem trégua!  
A chuva tinha parado,  
levantava o vento sul,  
fraquinho, de manhã cedo,  
aumentando com o sol...  
A remada ia tranquila,  
por praia sempre deserta,  
mas a folga ia acabar... isso era coisa certa!





O vento era um sueste,  
já mostrando seu poder  
e agente ia remando...  
pois muito importante é saber  
enfrentar este dilema:

Como vai girar o vento?

Será possível remar?

De que lado vem agora?

Será que vai refrescar?

Aceitar a natureza  
mais que um dom é saber  
aproveitar sua força,  
tornar leve o viver...



Assim fomos, nos cuidando,  
aqui não tem mais faróis,  
o canal fica bem longe,  
perto: Ponta dos Lençóis!  
Paramos antes da Ponta,  
Cortamos em meio ao juncal  
e nas dunas caminhando



dava pra ver a enseada  
e o vento, forte,  
assobiando...  
Consideramos os fatos,  
olhamos a situação...  
na velha Lagoa dos Patos  
pra cada caso uma ação!

Agora não dá pra atalhar  
o vento não tá deixando...  
o negócio é costear,  
aumentando o trajeto...  
em primeiro a segurança,  
norteando este projeto



Contornamos a baía,  
num trecho longo, ventoso,  
contra a onda no início,  
mas sabendo que adiante  
o vento seria propício...  
Tem coisas que acontecem  
Que até parece mentira...  
mas nós temos testemunhas  
todas vivas e presentes





e com endereço sabido...  
pra garantir esse causo  
não me chamar de exibido...  
Como a onda estava baixa,  
vinha a canoa, aberta.  
E me bate uma tainha,  
enorme, em baixo do braço,  
errou o pulo, "tadinha"...  
Senti aquele tranção  
mas vi bem logo o que era...  
o bicho se debatendo,  
levei rápido, o braço,  
e trouxe a tainha pra dentro  
do barco, por pura sorte,  
garantindo assim a janta  
com um peixe de bom porte!



Depois da dura remada,  
contra o vento, um rebojão,  
fizemos uma parada  
pois já vínhamos cansando...



falamos com pescadores  
que ali estavam buscando  
as tainhas em cardumes,  
para que nos informassem  
se fica longe o Inhamé...  
Esse é o novo ponto  
de montar acampamento...  
chegaríamos bem rápido,  
já nos ajudava, o vento!  
Neste trecho da Lagoa  
começa a ter camarões  
pra remar: - Presta atenção!  
é uma parte complicada,  
sempre com muitos calções...  
Desvia daqui e dali,  
orienta e segue adiante!  
A paisagem desta orla  
pra variar, é muito bela!  
e de longe deu pra ver  
a kombi, e a lona amarela!  
Tá lá o pessoal do Rastro...  
visão de luxo, aquela!





Derradeiro acampamento,  
aqui pela costa leste...  
confirmando o sentimento:  
vimos, vencemos o teste!

Antônio Schuster

## As dificuldades educam: Excelência é um processo contínuo

A arrogância de um competente pode levá-lo a derrota. Depois de remar em estado de fluxo durante dois dias o sentimento de haver alcançado um grau de excelência tamanha que nada nos poderia deter foi quase natural. Não sei exatamente como se sentiam meus companheiros, mas foi a sensação que eu tive. Havíamos enfrentado dificuldades de diferentes níveis que terminaram por solidificar a equipe. Foram complicações climáticas, obstáculos geográficos, apertos e contratempos de uma ou outra ordem ocorridos em cada um dos dias remados. Para cada situação difícil enfrentada uma solução era encontrada. Como não acreditar que éramos excelentes?





Caso fôssemos uma organização este seria o momento em que estaríamos na liderança do nosso mercado. Com muita folga a nossa equipe ocuparia o primeiro lugar de qualquer competição. Entretanto, sentimentos dessa natureza podem levar uma organização a perder rendimento, a ser ultrapassada e até mesmo a sair do mercado.

Isso se deu porque nós não conhecíamos a terceira lei da excelência que afirma que ela é simplesmente inalcançável. É uma contradição. Se ela é inalcançável então por que investimos nosso tempo, empenho, esforço, dedicação, persistência, em suma, a nossa vida em sua busca? Sim, a excelência é inatingível porque é um processo progressivo. Sempre que alcançamos um estado antes imaginado como excelente ele já deixa de ser, levando-nos a buscar um novo patamar que representaria a excelência a partir de então.

Foi isso que nós ainda não havíamos identificado até este dia que a excelência sempre nos foge quando imaginamos tê-la atingido. Porém, não quer dizer que não devamos nos esforçar para conquistá-la. Particularmente

vejo que o esforço para se conquistar algo é o que dá sentido aquilo que fazemos, desde que relevante para nós e também para os outros.

Esse desejo faz com que sejamos persistentes. A vontade de desistir no quinto dia de remada foi grande. Aqui lembro esta vontade somente foi impedida pela falta de opção. Não havia como. A única alternativa era prosseguir. Na esfera profissional essa situação trouxe-me outra questão. Por que tantas pessoas, apesar de todos os indicativos contrários, conseguem se sobressair num mundo tão competitivo? São pessoas que na sua origem não tiveram recursos financeiros ou emocionais, mas que se realizam de uma ou de outra forma. São pessoas que enfrentaram dificuldades inimagináveis para a grande maioria da população, mas que conseguem levar uma vida equilibrada, produtiva e harmônica. Por outro lado, por que tantas pessoas, que aos olhos do mundo tinham tudo à disposição, não conseguem trilhar um caminho que os conduza para uma vida estável? A resposta certamente eu não tenho, mas lembrei-me de uma conversa que tive com um amigo que me contava a sua trajetória.

Comentou que na sua família os seus irmãos mais velhos são muito empreendedores. Desde cedo saíram da

casa dos pais e começaram seus próprios negócios, sendo hoje empresários muito bem sucedidos. Quando ele atingiu a juventude a vida financeira do seu pai já havia melhorado, sendo-lhe as escolhas mais fáceis. Não precisava aceitar qualquer trabalho, porque o seu pai tinha condições para sustentá-lo. Quando se lançou num empreendimento ante as primeiras dificuldades desistiu. Afinal, a sua família ainda tinha muitas posses. Numa mudança abrupta de cenário as posses da família foram dizimadas em sucessivos planos econômicos entre as décadas de 80 e 90. Ele já não podia mais contar com nada vindo da família, entrementes ele estava iniciando outro empreendimento. As dificuldades apareceram. Ele teve vontade de largar tudo. Quis jogar a toalha... Mas simplesmente não podia porque não havia para onde correr. Teve que persistir pela família que já havia constituído e pela sua própria realização. Foi assim que ele também se tornou um empreendedor completamente realizado em sua área.

Naquele dia em que as dificuldades me pareceram insuperáveis a persistência foi determinante para que se continuasse rumo ao objetivo. Entretanto a persistência

esteve calcada no comprometimento voluntário de cada um para com os outros e para com as metas e os objetivos traçados. A persistência também foi possível porque a resistência física conseguida no longo período de treinamento a possibilitou. Podia ser difícil, mas era possível. A força para continuar se mantinha porque tínhamos um propósito, um objetivo maior do que nós mesmos que nos possibilitava a superação de nossas próprias limitações.

Aquele quinto dia, mais uma vez nos mostrou a importância da humildade frente aos elementos externos sobre os quais não temos controle. Humildade não quer dizer ser subserviente. No nosso caso eram questões geográficas e climáticas. Nas nossas organizações são muitas as situações sobre as quais simplesmente não se tem domínio, mas que afetam as nossas vidas e o nosso desempenho diretamente. Porém, quando se tem um propósito a superação fará a diferença para que continuemos trilhando o caminho escolhido.



## O sexto e provável último dia: Fatos

Estávamos acampados numa comunidade de pescadores temporários. Apesar da boa vontade demonstrada por aqueles que nos receberam sentíamos uma energia pesada no ambiente. Pela primeira vez tínhamos a sensação de que estávamos sendo analisados e observados com certa desconfiança. Naquela noite dormimos sem que nos sentíssemos seguros. Diferente dos outros acampamentos em que deixávamos roupas penduradas, remos na margem da lagoa, lampião, caixa de ferramentas, mantimentos e outras coisas espalhadas entre as barracas, nesta noite recolhemos tudo. Estávamos visíveis. Sentíamos-nos expostos.

Por volta da meia-noite o Vicente Filho passou de barraca em barraca avisando que havia um grupo de rapazes observando-nos. Pediu para que a qualquer movimento suspeito nós acordássemos os demais. Ao se analisar a situação realmente ela era arriscada. Estávamos acampados num descampado entre a lagoa e o início da linha de construção das casas dos pescadores. Ali era uma região de pescadores temporários já bem próximo a São José do Norte e Rio Grande. Entre um comentário e outro sabia-se que esses povoados também eram usados por fugitivos da justiça para desaparecerem por uns tempos. Tudo contribuía para aumentar a nossa sensação de insegurança que crescia conforme nos aproximávamos das cidades, em contrapartida com a sensação de segurança no isolamento de áreas desabitadas. Estranho, não é? Estar mais seguro longe de gente? No mínimo contraditório...

A noite passou e para nossa sorte tudo correu bem. Acordamos às 6h. Provavelmente seria o último dia, a menos que não conseguíssemos cruzar o canal da lagoa. Essa era a parte mais perigosa do desafio que ficara, curiosamente, para o último dia.

Preparamos nossos equipamentos. Um kit extra de sobrevivência para o caso de termos que pernoitar sem



cumprir com a meta. Nos despedimos da equipe de terra num misto de emoção, ansiedade e até um certo medo. Deu um aperto no peito. Não haveria mais um próximo acampamento. Nossa missão era chegar na Academia de Remo Tissot no Centro Português. Era a nossa meta. Chegar lá significaria que todos os objetivos haviam sido atingidos.

Lá fomos nós, mais uma vez, alegres e apreensivos. Remamos uma hora e meia. Descansamos um pouco. O Wagner cumpriu com a sua rotina de me ajudar a entrar e sair do barco. De carregar e descarregar a cadeira. Sempre solícito e prestativo contava com a ajuda do Oguener e do Antônio. A equipe demonstrava uma sintonia e uma afinidade impressionantes, mesmo após tantos dias de convívio intenso em situações, às vezes, extremas. Recomeçamos e depois de mais de uma hora e meia de remadas estávamos no ponto de onde deveríamos partir para cruzar a Lagoa dos Patos. Era o seu ponto mais estreito, embora ainda assim fossem onze quilômetros de águas abertas. Essa situação representava um perigo real, uma vez que as mudanças climáticas afetavam rapidamente

o humor da lagoa. Águas calmas se transformavam em revoltas tão logo o vento começasse a soprar. E naquele momento o vento já sinalizava que as águas não seriam nada amistosas.

O Oguener e eu encostamos os barcos enquanto o Antônio e o Wagner remaram por uns quinhentos metros lagoa adentro para falar com alguns pescadores sobre as condições climáticas. Eles alertaram para que não fizéssemos a travessia sozinhos, mas eles não poderiam nos acompanhar porque estavam com a embarcação irregular. E a marinha e outros órgãos de controle ambiental estavam com uma fiscalização intensa para evitar a pesca predatória, pois ainda não havia iniciado a temporada. Enquanto o Antônio e o Wagner se aproximavam de onde o Oguener e eu estávamos eles viram outro barco encostado num matagal. Foram até eles. Dali mais alguns minutos vieram caminhando por um banhado, logo batizado de Ilha dos Mosquitos pelo Antônio. Chegaram com uma novidade. *"Olha, eles se ofereceram não só para nos acompanhar, mas para levar os nossos barcos... O que vocês acham?"* O Oguener e eu concordamos na hora. Seriam onze quilômetros a menos que remaríamos, mas nada que comprometesse o nosso senso de realização. Estávamos





garantindo a nossa segurança, um dos princípios da expedição. Também possibilitaríamos que chegássemos em casa naquele mesmo dia. Ninguém estava com ânimo para mais uma noite fora de casa. Estávamos com saudade daquilo que se entende por lar. Um bom banho, uma boa refeição em casa e uma cama limpa, macia e cheirosa para descansar depois de sete dias. Isso sim, nesse momento, era preciso de necessidade.

Carregamos os barcos e cruzamos a lagoa. Apesar do barco a motor a velocidade era a mesma que nós impúnhamos aos nossos barcos a remo. Os onze quilômetros duraram a mesma hora e meia que seria caso nós estivéssemos remando em águas calmas. Mas a diferença era brutal. Nós não estávamos fazendo esforço. Mais... A lagoa não exibia nenhuma marola... eram ondas de mais de um metro de altura que facilmente teriam transformado uma aventura até então perfeita em tragédia. A prudência e a humildade em reconhecer a força da natureza fizeram com que nós optássemos por cruzar a lagoa em segurança. Não faríamos 220km, apenas 209...

Desembarcamos na ponta da barra do canal São Gonçalo. Faltavam aproximadamente dez quilômetros para que levássemos os barcos de volta ao ponto de partida. Para que retornássemos ao ponto de onde havíamos saído oito dias atrás. Parecia-nos quase impossível que estávamos chegando em casa. Chegava a dar uns calafrios só de imaginar que em menos de duas horas os barcos estariam de volta para a sua garagem e nós em terra firme, definitivamente. Nesse estado de emoção começamos a remar aquele que seria o último trecho dessa fabulosa aventura. O Canal São Gonçalo não se fez de rogado e também mostrou a sua força. Deu-nos as boas vindas com marolas fortes e águas agitadas. Mas não estavam contra, elas nos empurravam ao nosso destino. O vento também estava a nosso favor. Repensando rapidamente a viagem pode-se dizer que tudo esteve o tempo todo a nosso favor. Tantas situações que nos pareciam adversas na realidade apenas serviram para ajustar a nossa conduta à realidade. O cansaço dos integrantes do grupo era grande. Estávamos cansados fisicamente. Havíamos nos preparado para isso e esse era o nosso limite naquele momento. Mas estávamos em estado de graça emocionalmente.



De repente as águas agitadas do São Gonçalo deram lugar as águas tranquilas e protegidas do Arroio Pelotas. Menos de 3000 metros nos separavam da chegada. Olhei para os meus companheiros e disse, *"Esse trecho nos treinos eu fazia em 20 a 25 minutos, mas hoje vou fazê-lo bem na manha, bem devagarinho..."* Todos assentiram. Agora nós já estávamos desfrutando da despedida, assim como usufruíramos do caminho. Muito em breve a nossa aventura terminaria e ela seria parte do passado. Seria parte da nossa história.

Com esses pensamentos a reta final se aproximava, ou melhor, a última curva que sinalizaria os últimos 500m antes do fim. Lá estava ela. Fora procurada durante toda a viagem. Olhei para trás e vi a garagem de barcos da Academia Tissot em construção. Deu-me um arrepio. Ouvimos foguetes. Muitos foguetes. Vimos as pessoas nos esperando, aquelas mesmas que nos acompanharam durante todo o percurso, a equipe de terra. Eram parte da equipe de água. Terra e água. Éramos uma só equipe. Havia dado liga. Éramos um time. Sem eles nós não teríamos remado o que remamos.

Nós nos entreolhávamos e soltávamos gritos de alívio e de alegria como resposta. Cada um a sua maneira. A adrenalina era despejada na corrente sanguínea o que fez com que déssemos um último pique com força e velocidade para finalmente chegarmos ao nosso destino. Paramos os barcos em frente ao ponto final. Havíamos conseguido. Havíamos remado 209km em seis dias na água. Oito dias de aventuras. O projeto Remar é Preciso, Viver é Diversidade havia sido lançado, construído, planejado e executado à risca.

Não o divulgamos na imprensa e não fizemos alarde, porque também para nós era uma incógnita. Na única entrevista dada sobre o desafio antes de nossa partida um comentarista disse, *"Vai ser difícil! Não acredito que eles consigam porque tive alguns amigos de educação física que não conseguiram..."*. Mas nós conseguimos. Em vários momentos do percurso tínhamos todos os motivos para desistir, mas nós persistimos porque construímos uma equipe que tinha seus objetivos pessoais, mas que sempre respeitou os objetivos do grupo. Nós estávamos no projeto porque queríamos estar.

Por isso, a pluralidade da equipe demonstrou na prática que é na diversidade que reside a força e o



diferencial de Ser Humano. Assim, a superação é a marca do ser humano que convive e compartilha. Durante todo o trajeto a precisão requerida no exercício da remada esteve em harmonia com a aceitação da diversidade como fonte e estímulo de vida.

Para mim ficou a lição recebida de cada um dos meus amigos e companheiros de viagem. No Wagner vi um remador forte, amigo e colaborador, um verdadeiro aprendiz a caminho da maestria. No Oguener vi o amigo, o técnico e o incentivador que consegue fazer com que as pessoas sejam sempre melhores. É o mestre a caminho da sabedoria. No Antônio vi a amizade, a paciência, a humildade e a sabedoria mostrando-nos o caminho. Com isso pude identificar-me como um sobrevivente que teve o prazer de desfrutar do caminho! E não há nenhuma humildade em reconhecer-me como sobrevivente. Muito pelo contrário, há até uma certa dose de orgulho, vaidade e arrogância porque o tempo passa e eu continuo aqui, usufruindo do milagre da vida!

## O sexto e provável último dia: Poesia e fotos

Sáímos da praia do Inhame  
remando entre os calões,  
fileiras de varas cravadas  
pra pesca de camarões.  
Fica a remada travada,  
desvia pra cá e pra lá,  
dois remadores de costas,  
dois remando de frente,  
orientando os parceiros,  
e assim vamos vencendo  
esse imenso "paliteiro"...





Queremos chegar inda cedo  
ao ponto de travessia  
pois tende o vento a aumentar  
a medida que passa o dia...  
mas não é perto esse ponto  
que nos separa de casa...  
fica além de uma praia  
chamada de Ponta Rasa.



O dia calmo ajuda  
mas remamos silenciosos  
e passam por nossas mentes  
os momentos calorosos  
de muita camaradagem,  
de natureza mui linda  
às vezes dura, selvagem...  
Mas a isso que viemos,  
foi isso que encontramos,  
e a ideia vai se cumprindo  
a medida que remamos...



Passamos por Capivaras,  
não o bicho, uma praia,  
Que é antes da Várzea,  
colônia de pescadores.  
O vento já aumentava,  
marolas já se formavam,  
não ainda pela margem,  
mas um pouco mais pra fora  
os "carneiros" já branqueavam...  
Falamos com pescadores,  
procurando por ajuda  
pra atravessar o canal  
com alguma segurança,  
pois nunca fará mal  
cuidar que cheguemos bem...  
esperando pela gente  
em casa ficou alguém!





E se não temos apoio,  
o negócio é pernoitar  
na "ilhota do mosquito"  
e em direção ao Umbú  
sairíamos bem cedito...  
Com vento calmo é fácil,  
duas horas de remada,  
e o mais seguro seria  
sairmos de madrugada.  
Mas encontramos um bote  
com três pescadores a bordo  
e de pronto eles toparam  
nos cruzar pro outro lado.  
Em cima das redes, no bote,  
dois canoes atravessados  
e a canoa a reboque,  
pra atravessar o canal,  
que nos mostrou sua força  
com ondas grandes, correnteza..  
Foi a nossa decisão  
bem prudente, com certeza!



E assim chegamos à barra  
 do canal de São Gonçalo,  
 nosso velho conhecido  
 de remadas, acampamentos,  
 e agora aqui remamos  
 explodindo em sentimentos  
 tão diversos como a vida...  
 Já estamos por chegar,  
 depois de tão grande lida!  
 Passamos as Três Cacimbas,  
 entramos na Boca do Arroio...  
 "Pelotinha", mais uma curva...  
 Nada mais satisfatório,  
 que a turma de casa  
 esperando  
 com um belo foguetório!  
 Foi competência,  
 trabalho,  
 foi prazer, foi desafio,  
 foi sol a pino, orvalho,  
 foi terra, água, foi céu...



Foi marola, calma,ria,  
 e teve um por de sol...  
 Foi lampião, lona  
 amarela,  
 foi natureza, saudade...  
 e dessas coisas, mais  
 bela...  
 foi sobretudo... amizade!

**Antônio Schuster**



## O sexto e provável último dia: Uma vida com propósito

Como dito no prefácio deste livro, o processo de transformar uma simples ideia, um devaneio ou um sonho em algo palpável é interessante. Mas não deve ser somente interessante... No nosso caso, havíamos estabelecido que deveria ser prazeroso e seguro. Assim, o processo também exigiu esforço, dedicação e trabalho de cada um para que pudéssemos ser mais do que um grupo. Para que pudéssemos ser uma equipe e, por fim, um time. Todo o cuidado que esteve presente desde a concepção até a conclusão da Expedição Remar é Preciso! Viver é Diversidade! revela que as pessoas que a compuseram tinham motivação e eram competentes.

A motivação estava fundamentada nos três elementos identificados em cada um durante toda a expedição: a **(1) Autonomia** que nos permitiu fazer o que deveria ser feito porque queríamos fazê-lo; a **(2) Excelência** que foi buscada a cada remada nos fez fazer melhor aquilo que estávamos fazendo e ao somar as experiências de todos resultou num todo maior do que as partes; e o **(3) Propósito** que nos possibilitou atrelar os nossos desejos a uma causa maior do que nós mesmos. Foi essa motivação que nos permitiu que superássemos todos os imprevistos, as dificuldades e os obstáculos durante o período da expedição. E não foram poucos.

Uma equipe competente porque, sem falsa modéstia, soube alcançar o seu objetivo por meio de um resultado concreto: remar 220km! Isso se deu porque, além de tudo, nós nos mantivemos na mente do aprendiz durante todo o tempo. Ao falar de equipe competente deve-se lembrar das competências destacadas durante toda a narrativa. Entenda-se, para esse fim, competência como sendo um conjunto de domínios que permitiu que a expedição alcançasse o seu propósito. Desde o início foram nominadas competências como liderança, criatividade, iniciativa, flexibilidade, foco, proatividade, entre outras, identificadas em cada um dos



integrantes da equipe. E elas estavam fundamentadas na forma de atuação dos elementos da equipe que envolvia o (1) saber, o (2) saber-fazer, o (3) saber-estar, o (4) querer-fazer e finalmente o (5) poder-fazer.

O (1) saber diz respeito a um conjunto de conhecimentos que possibilitam a um indivíduo desempenhar as suas funções e a demonstrar os comportamentos esperados na situação vivenciada. A todo momento essa competência esteve presente, porque cada um sabia o motivo porque ali estava, uma vez que era resultado de uma decisão autônoma. O (2) Saber-Fazer se caracterizou pelas habilidades e destrezas exigidas e exibidas na execução da tarefa a que nos propusemos e também na forma como se enfrentaram as dificuldades que ocorreram durante a sua realização. Além da experiência anterior com a atividade de remo de cada um a busca constante pela excelência fez com que esta competência se aprimorasse ainda mais. Todos nós sabíamos remar, mas sobretudo sabíamos pensar e aprender. Quanto ao (3) Saber-Estar poderia dizer que é "sem comentários". Na realidade se podem fazer todos os comentários... A amizade

que já existia antes da expedição foi solidificada no período de convivência, revelando que todos souberam estar. Saber-Estar consigo mesmo na solidão de uma região desabitada. Saber-Estar com os outros respeitando as diferenças e crescendo com isso. A existência dessa competência em todos os integrantes somente reforça que as reais oportunidades estão na diversidade representada na unicidade das pessoas. O (4) Querer-Fazer está ligado à motivação pessoal de cada um. O que motivou o Oguener a realizar uma expedição dessa envergadura nesse momento da sua vida? O que fez com que o Antônio abrisse mão do convívio dos filhos e netos num período de festividades? Por que o Wagner deixou de passar o Natal e o Ano Novo com os seus pais e irmãos para participar da expedição? Quais os meus motivos para embrenhar-me em matas e regiões sem nenhuma estrutura acessível para um usuário de cadeira de rodas? Cada um com os seus motivos, mas todos tinham isso muito claro: nós queríamos fazê-lo. E nós o fizemos! Por fim, o (5) Poder-Fazer. Sim, cada um pode fazer aquilo que realmente quer fazer. Embora, muitas vezes, as pessoas se escondam atrás da desculpa do não Poder-Fazer para deixar de fazer aquilo que realmente



gostariam. Enquanto isso a vida passa e nada fazem. Cada um com as suas ações ou com as suas desculpas.

Foi assim que em janeiro de 2013 nós percorremos 220km remando pela Costa Leste da Lagoa dos Patos. Foi assim que nós descobrimos o entusiasmo de menino no menino e nos adultos. Foi assim que encontramos a liderança nos adultos e também no menino. Foi assim que nos deparamos com a criatividade no jovem e também em quem já não o é. E foi assim que nós nos divertimos, aprendemos e estreitamos os laços de amizade.

Foi para dizer que a precisão requerida no exercício da remada esteve em harmonia com a aceitação da diversidade como fonte e estímulo de superação que nós parafraseamos Fernando Pessoa: Remar é Preciso! Viver é Diversidade! E a...

**SUPERAÇÃO, É A MARCA DO SER HUMANO!**

## Remar é preciso...

Uma longa jornada começa com o primeiro passo...  
No nosso caso começou com a primeira remada!

Durante sete dias tive o prazer de remar pela Costa Oeste da Lagoa dos Patos num trecho de 220km. Foi demais!!!

Fiquei marcado pelas imagens, pelas belas paisagens e pelo contato com a natureza, às vezes exuberante outras vezes nem tanto. Porém, as marcas mais profundas vieram do convívio com as pessoas que também fizeram o caminho.

Remei com um jovem de 17 anos, Wagner Rauber. É aprendiz por ser novo, mas também nos ensina muito pela disposição, energia e vontade constante de ajudar. É meu sobrinho. Carrega no rosto, nos gestos e no caráter a bondade, a força e a honestidade do pai, meu irmão. O





Wagner já me conheceu como usuário de cadeira de rodas, por isso sabe que não se exige nada de mais para o convívio. Desde pequeno sempre usou e brincou com a minha cadeira de rodas como se fosse um brinquedo a mais. Inúmeras foram as vezes em que me deitava para descansar um pouco e quando queria levantar a minha cadeira não estava ao lado do sofá ou da cama. Ela estava rodando pela casa, pela varanda e até pela rua. Ele sabe que as qualidades e as virtudes, assim como as manias e as implicâncias não mudam em função da cadeira. Considero o Wagner um ávido aprendiz que, certamente, ao seguir estes passos será um mestre, se já não o é, como o meu amigo Oguener Tissot, 31 anos. Uma das primeira amizades que fiz ao chegar a Pelotas e que a cada dia tem demonstrado que o mestre se faz no caminho, na procura e na propensão de sempre aprender para com isso ensinar. Não tenho dúvidas que chegará a ser sábio, se também já não o é, como o amigo Antônio Schuster, 59 anos. A idade somente aparece na identidade porque o corpo e o espírito continuam como o de um jovem aprendiz, com a vocação de continuar

aprendendo, demonstrando com a sua humildade aquilo que se pode definir como sabedoria.

Agradeço a vocês, meus amigos, pelo prazer da jornada que foi coroada com a alegria da equipe Rastro, apoio por terra, que serviu para reanimar o espírito e a vontade de continuar.

Obrigado a vocês, meus amigos, por permitirem que este sobrevivente desfrutasse da maior aventura já realizada.

Foi um privilégio!!!

Remar é preciso, viver é diversidade!!!



24

## Um pequeno relato...

(Oguener Tissot)

Pois então, aqui estamos novamente, de volta de uma grande navegada, expedição, desafio, passeio, jornada ou seja lá o que significou para cada um essa aventura pela Lagoa dos Patos. Foi um pequeno desafio se comparado a alguns já registrados. Um grandioso feito para outros. Para nós, podem ter a certeza, uma magnífica jornada de 8 dias e 7 noites, remando entre 30 e 50 km diários. Dias que exigiram de toda a equipe, percepção, atitude, criatividade, superação, autoestima, disposição, respeito, companheirismo, conhecimento e sabedoria. Foram diversos momentos de contemplação... Tivemos o privilégio de conhecer as mais diversas faces da nossa querida Lagoa dos Patos. Remamos durante o dia, durante a

noite, com sol a pino, com bastante chuva, em águas rasas e cristalinas, em águas profundas, com quase todos os tipos de ventos. Ventos, que por vezes, sopravam a nosso favor, outras, na maioria das vezes, de bombordo, boreste ou de proa, molestando-nos. Em alguns momentos, literalmente, surfamos pela lagoa... Confesso que por algumas vezes me senti bastante incomodado e desafiado por ela, mas quem somos nós para desafiarmos algo tão grandioso? Coube a nós sermos prudentes, humildes e nos moldarmos com o que a mãe natureza nos oferecia. Voltamos com a certeza de que o universo conspirou a nosso favor durante todo o percurso. Retornamos impressionados como nas horas mais difíceis sempre apareciam as pessoas certas, oferecendo-nos ajuda, fosse por meio de alguma informação ou de uma dica importante, um pouco de água fresca, peixes ou até mesmo uma cabana confortável em uma noite de chuva. Ainda estamos tocados com a simplicidade e presteza da população local que nos acolheu sempre oferecendo o melhor de que dispunham.

A cada novo dia, um novo desafio. A incerteza nos acompanhava, pois não sabíamos se chegaríamos até o próximo ponto ainda com a luz do sol ou se dormiríamos em algum ponto fora do planejado. Não sabíamos com



quais surpresas a lagoa nos esperaria naquele dia ou naquela noite. Também não imaginávamos quais desafios o terreno arenoso ofereceria a nossa fantástica equipe de terra e se a guerreira kombi conseguiria chegar no ponto marcado com os amigos do Rastro Selvagem. Eles literalmente deixaram vários rastros pelo caminho para nos encontrar e nos proporcionar todo o apoio necessário. Superaram todas as expectativas de forma muito positiva. Por meio das imagens que registraram, da estrutura do acampamento e das maravilhosas jantares e cafés que recompunham nossa energia ao final e início de cada dia. Fizeram longos quilômetros de corridas e caminhadas pela beira da praia a nossa procura, preocupados por estarem a frente do ponto marcado, deixando mensagens pelo caminho. Também nos proporcionaram a descontração e a diversão nos momentos de troca de experiências até a hora de dormir. Tudo isso simplesmente não tem preço!!!

É galera, foi demais!!! Muito difícil expressar nessas poucas palavras, todos os sentimentos e a energia positiva que nos acompanhou durante essa fantástica experiência que marca não apenas o início de um novo ano,

mas sim a minha vida, o início de um novo ciclo, com novos desafios e se Deus quiser, novas conquistas. Posso afirmar que começou bem. Digo que não voltei o mesmo, porque aprendi muito com cada um que estava lá presente. É impossível não expressar aqui a admiração, respeito e forte laço de amizade com cada integrante dessa pequena grande jornada. Desejo do fundo do coração, poder ter durante a minha vida o espírito de companheirismo e descontração demonstrados por toda equipe do Rastro Selvagem, naquele momento representada pelos integrantes Gustavo Fonseca, Vicente Pai, Vicente Filho, e Amauri Lacerda; a disposição e vontade de aprender a cada instante do Wagner Rauber; o conhecimento e a sabedoria do Antonio Schuster; e o espírito de SUPERAÇÃO do Moacir Rauber. Todos vocês são mestres! Muito obrigado por fazerem parte da nossa equipe!!! Vocês são exemplos na minha vida!!!

Valeuuu!!!

Oguener Tissot



## Bibliografia Consultada

- CAMARA, P.; GUERRA, P.; RODRIGUES, J. *O novo humanator – recursos humanos e sucesso empresarial*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- CEITIL, M. Proposta de definição do conceito de competências. In: CEITIL, M. (Org.). *Gestão e desenvolvimento de competências*. Lisboa: Edições Sílabo, 2007. p. 39-44.
- CUNHA, M. P.; REGO, A.; CUNHA, R. C.; CABRAL-CARDOSO, C. *Manual de comportamento organizacional e gestão*. 6. ed. Lisboa: RH Editora, 2007.
- DOWNEY, M. *Coaching eficaz*. SP: Cengage Learning, 2010.
- GOLDRATT, E. M.; COX, J. *A meta: um processo de aprimoramento contínuo*. São Paulo: Educator, 1997.
- KAHNEMAN, D. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

- PINK, D. H. *Motivação 3.0: os novos fatores motivacionais para a realização profissional*. Rio de Janeiro: Campus, 2010.
- RAMOS, E.; BENTO, S. As competências: quando e como surgiram. In: CEITIL, M. (Org.). *Gestão e desenvolvimento de competências*. Lisboa: Editora Sílabo, 2007. p. 85-116.
- RAUBER, M. J. *Olhe mais uma vez: em cada situação novas oportunidades*. Toledo-PR: Editora Mundo Hispânico, 2010.
- WOLK, L. *Coaching: A arte de soprar brasas em ação*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.